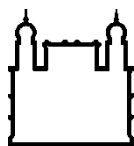


MINISTÉRIO DA SAÚDE  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE  
Programa de Pós-Graduação Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia –  
PPGVIDA

O TERRITÓRIO E AS REDES VIVAS DE SAÚDE EM UMA COMUNIDADE  
FLUTUANTE NO AMAZONAS

ANA PAULA DE CARVALHO PORTELA

Manaus – AM  
Novembro de 2017



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

**INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE**

Programa de Pós-Graduação em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia –  
PPGVIDA

*ANA PAULA DE CARVALHO PORTELA*

**TERRITÓRIO E AS REDES VIVAS DE SAÚDE EM UMA COMUNIDADE FLUTUANTE  
NO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Instituto Leônidas e Maria Deane - Fiocruz Amazônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

**Orientador:** Prof. Dr. Júlio César Schweickardt

MANAUS – AM  
Novembro de 2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

### SEÇÃO BIBLIOTECA DR. ANTÔNIO LEVINO DA SILVA NETO - ILM D

P843t

Portela, Ana Paula de Carvalho.

O território e as Redes Vivas de Saúde em uma comunidade flutuante no Amazonas. / Ana Paula Carvalho Portela. - Manaus: Instituto Leônidas e Maria Deane, 2017.

80 f.

Dissertação (Mestrado em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia) – Instituto Leônidas e Maria Deane, 2017.

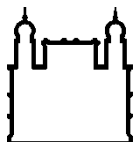
Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Júlio Cesar Schweickardt.

1. Redes de Saúde 2. Saúde Pública I. Título

CDU 614(811.3) (043.3)

CDD 362.1098113

22. ed.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE**  
**Programa de Pós-Graduação em Condições de Vida e Situação de Saúde na Amazônia**

***AUTORA: ANA PAULA DE CARVALHO PORTELA***

**TERRITÓRIO E AS REDES VIVAS DE SAÚDE EM UMA COMUNIDADE  
FLUTUANTE NO AMAZONAS**

**ORIENTADOR (ES): Prof. Dr. Júlio César Schweickardt**  
**Prof. Dr.**

**Aprovada em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

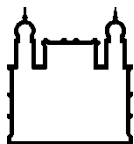
**EXAMINADORES:**

**Prof. Dr. Júlio César Schweickardt - Presidente (ILMD / FIOCRUZ)**

**Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla (UFRGS)**

**Prof. Dr. Rodrigo Tobias Souza de Lima (ILMD / FIOCRUZ)**

Manaus, 30 de novembro de 2017.



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**

**Fundação Oswaldo Cruz**

**Anexar a cópia da Ata que será entregue pela SEAC já assinada.**

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho ao meu amor, melhor amigo e companheiro de todas as horas, ***Cleudecir Portela***, que compartilhou comigo essa experiência, esteve ao meu lado me apoiando e ajudando em tudo que eu precisei. Meu porto seguro e pai da criança mais maravilhosa que existe, o fruto do nosso amor, ***Antônio Henrique***, que desde o início trilhou esta jornada em meu ventre e depois em meus braços... Amores da minha vida e razão do meu viver.

## AGRADECIMENTOS

À **Jeová Deus**, Criador de todas as coisas e dador da vida, pelas incontáveis bênçãos e alegrias imerecidas;

À minha **família**, presente de Deus: minha mãe *Sileuza*, meus dois pais *Francisco*, meus irmãos *Patrícia*, *Paulo César* e *Pedro Henrique*, meus sobrinhos, *Gustavo*, *Cláudia*, *Ana Júlia*, *Júlio César*, *Ana Patrícia*, *Ana Clara* e as dádivas inesperadas *Paula Rebeca* e *Maria Helena*, que embora distante, estão sempre torcendo por mim e celebrando minhas vitórias e por quem tenho amor sem medida.

Ao meu querido orientador, prof.º **Júlio César Schweickardt**, por ter me escolhido, acreditado em mim e me lançado a este desafio da pesquisa qualitativa, dos territórios líquidos e redes vivas, por toda paciência, compreensão durante e depois da minha gravidez, pelos ensinamentos compartilhados e por tudo o mais, serei eternamente grata!

A minha amiga do coração **Amélia Sicsú** que me apoiou desde quando esse mestrado era apenas um sonho, e me acompanhou até o final, dividindo conhecimentos, dando sugestões e sempre me atendendo todas as vezes que precisei de auxílio, minha *amiga para sempre*!

A minha querida **Denise Amorim**, pelo prazer da companhia, por partilhar momentos de angústias e alegrias, por sempre me ouvir e ter uma palavra boa para mim. Sou muito feliz por você estar ao meu lado nesta caminhada!

Aos moradores da comunidade do Catalão, na pessoa de **Raimunda Ferreira Viana**, que generosamente abriu a porta da comunidade do Catalão para realizarmos nossa pesquisa, e ao apoio do s. **Elber**, nos dando todas as ferramentas necessárias para atingir nossos objetivos, permitindo-nos vivenciar a experiência única da realidade deste povo hospitaleiro e acolhedor, que vive sobre as águas.

Ao ILMD/FIOCRUZ, pela oportunidade e prazer de fazer este mestrado no campo da Saúde Coletiva, área em que amo trabalhar, e a todos os professores, por proporcionar o crescimento profissional e pessoal que muito contribuiu para ser uma docente melhor e para adentrar no mundo da pesquisa.

Aos queridos colegas da primeira turma do PPGVIDA, pela companhia, pelas brincadeiras, pelo chá de fraldas, pelo carinho, e por todas as divertidas conversas do grupo do Zap. Sei que essa turma já deixou uma marca histórica na Fiocruz Amazônia!

Ao Laboratório de História e Pesquisa em Saúde na Amazônia – **LAHPSA**, pelo apoio que me recebi, e a **Joana**, **Raquel** e **Brena** que estiveram comigo na coleta de dados, obrigada!

Ao Núcleo de Apoio e Pesquisa da ILMD/FIOCRUZ, na pessoa da **Fernanda**, por prestimosa ajuda na confecção dos mapas e recursos que foram tão importantes em meu trabalho. Muito grata pela paciência e disposição!

À Universidade do Estado do Amazonas (UEA) por possibilitar minha qualificação docente, e em especial, minha querida professora **Jucimary do Nascimento**, coordenadora do curso de Enfermagem, por seu coração generoso e disposição de ajudar sempre que recorri em busca de auxílio, muito obrigada!

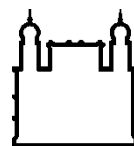
Aos estimados professores da disciplina Gestão em Saúde e Enfermagem pelo apoio e por torcerem por mim, e à minha companheira de campo **Eveline Menezes**, que sempre esteve disposta a me auxiliar e com quem dividi meus anseios e preocupações neste processo e de quem recebi apoio e ajuda durante todo este percurso. Gratidão!

Aos profissionais de saúde do município de Iranduba e da UBS Dra. Luiza do Carmo Ribeiro por contribuir com importantes informações para a pesquisa e se colocarem a disposição para colaborar com nosso trabalho. Grata!

À **Suzana, Marcelo, tia Rita, Daniele, Viviane, Lúcia, Débora** e a todos que colaboraram para que este trabalho se concretizasse. Eu jamais teria conseguido sem a ajuda de vocês. Muito obrigada!!!



*“a Deus, que é o único sábio, seja dada  
a glória por meio de Jesus Cristo para  
sempre. Amém.”*  
**Romanos 16:27**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

## INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE

### O TERRITÓRIO E AS REDES VIVAS DE SAÚDE EM UMA COMUNIDADE FLUTUANTE NO AMAZONAS

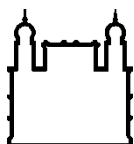
#### RESUMO

#### DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA

**Ana Paula de Carvalho Portela**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a territorialidade e a produção de redes de saúde em uma comunidade flutuante denominada Catalão, localizada no município de Iranduba, Amazonas. Trata-se de um lugar composto por 111 casas flutuantes nas quais os moradores produzem redes vivas e existenciais neste território líquido, adaptando-se aos períodos de cheia e seca dos rios. Esta pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, foi realizada em quatro etapas: mapeamento das casas-flutuante com o uso do GPS nos períodos de seca e cheia dos rios; identificação das famílias residentes na comunidade; entrevistas com moradores-chave; e entrevistas com profissionais de saúde que prestam assistência a esta população. Os moradores do Catalão vivenciam diariamente mudanças imposta pelo ciclo das águas, seguindo o fluxo dos rios e adaptando sua rotina aos movimentos constantes deste território líquido. Os períodos de seca afetam praticamente todos os aspectos da vida dos comunitários, sendo descrito como o que mais traz dificuldades, principalmente relacionadas à acomodação das casas-flutuante que precisam permanecer sobre as águas. O período de cheia permite que os moradores tenham facilidade quanto ao deslocamento dentro e fora da comunidade, uso da água e de atividades rotineiras. A comunidade é formada basicamente por pessoas com algum grau de parentesco que produzem redes de conexões que ultrapassam os laços consanguíneos, compondo vínculos que se estabelecem e se fortalecem nesta estreita malha de ligações que envolve trabalho, escola, religiosidade e lazer. Quanto à saúde, são atores que atuam na construção de suas próprias redes de cuidados, estabelecendo diferentes conexões que extrapolam os limites geográficos impostos. Embora estejam vinculados a uma equipe da Estratégia Saúde da Família pertencente a Iranduba, não têm recebido uma assistência contínua e resolutiva da equipe, por isso, recorrem à unidade de saúde mais próxima, em Manaus, buscando atender suas necessidades de saúde. A realidade vivenciada por esta comunidade é apenas uma pequena mostra da realidade do mundo ribeirinho e dos vários territórios líquidos que marcam a Amazônia. Nesse sentido, buscamos refletir como construir políticas públicas de saúde específicas para um território com as características dessa comunidade flutuante. Estudos semelhantes a este podem ser ampliados e com proposição de estratégias de enfrentamento destes e outros desafios vivenciados por esta população.

**Palavras-chave:** Redes de Saúde; Território; Saúde Pública; Amazônia.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

**INSTITUTO LEÔNIDAS E MARIA DEANE**

**THE TERRITORY AND THE LIVING HEALTH NETWORKS IN A FLOATING  
COMMUNITY IN THE AMAZON**

**ABSTRACT**

**MASTER'S DISSERTATION IN PUBLIC HEALTH**

**Ana Paula de Carvalho Portela**

This research had as objective to analyze the territoriality and the production of health networks in a floating community denominated Catalão, located in the municipality of Iranduba, Amazonas. It is a place composed of 111 floating houses in which the inhabitants produce living and existential networks in this liquid territory, adapting to the flood and dry periods of the rivers. This qualitative, descriptive and exploratory research was carried out in four stages: mapping of floating houses with the use of GPS during periods of drought and flooding of rivers; identification of families living in the community; interviews with key residents; and interviews with health professionals who provide assistance to this population. The residents of the Catalan experience daily changes imposed by the cycle of waters, following the flow of rivers and adapting their routine to the constant movements of this liquid territory. Drought periods affect practically all aspects of community life, being described as having the most difficulties, mainly related to the accommodation of floating houses that need to remain on the water. The flooding period allows residents to have ease of movement within and outside the community, use of water and routine activities. The community is basically made up of people with some degree of kinship who produce networks of connections that transcend consanguineous bonds, forming bonds that are established and strengthened in this close network of connections that involves work, school, religiousness and leisure. As for health, they are actors who work in the construction of their own care networks, establishing different connections that go beyond the geographical limits imposed. Although they are linked to a Family Health Strategy team belonging to Iranduba, they have not received continuous and resolute assistance from the team, so they turn to the nearest health unit in Manaus, seeking to meet their health needs. The reality experienced by this community is only a small sample of the reality of the riverside world and the various liquid territories that mark the Amazon. In this sense, we seek to reflect how to build specific public health policies for a territory with the characteristics of this floating community. Studies similar to this one can be extended and with the proposition of coping strategies of these and other challenges experienced by this population.

**Key-Words:** Health Networks; Territory; Public health; Amazon.

## ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>11</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>12</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>14</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>15</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 O TERRITÓRIO NAS REDES DE SENTIDOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: SINGULARIDADES DA AMAZÔNIA .....	20
2.2 REDES VIVAS NO TERRITÓRIO LÍQUIDO .....	23
<b>3 CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA.....</b>	<b>26</b>
<b>4 TERRITORIALIDADE E A PRODUÇÃO DE REDES NO CATALÃO .....</b>	<b>30</b>
4.1 A MEMÓRIA HISTÓRICA DA “CIDADE FLUTUANTE” .....	31
4.2 O TERRITÓRIO LÍQUIDO DO CATALÃO: “QUEM MANDA EM NÓS É A ÁGUA” .....	36
4.2.1 <i>O território líquido no período da seca</i> .....	39
4.2.2 <i>O território líquido no período da cheia</i> .....	40
4.3 REDES VIVAS NO TERRITÓRIO: INTERAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS .....	43
4.4 REDES VIVAS DE SAÚDE E PRODUÇÃO DO CUIDADO .....	53
<b>5 NO BANZEIRO DAS ÁGUAS: UMA CONCLUSÃO EM MOVIMENTO .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>68</b>
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA – CEP .....	69
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>73</b>
APÊNDICE A – MAPA DO CATALÃO NO PERÍODO DA SECA.....	74
APÊNDICE B – MAPA DO CATALÃO NO PERÍODO DA CHEIA .....	75
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS .....	76
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MORADORES DO CATALÃO.....	77
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM PROFISSIONAL DA EQUIPE DE SAÚDE DO IRANDUBA – AM .....	78
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM PROFISSIONAL DA EQUIPE DE SAÚDE DA UBS – CEASA.....	79
APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....	80

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Município de Iranduba em contorno vermelho. Localização do Lago de Catalão identificado no círculo vermelho. Fonte: Google Earth, 2016. ....	27
<b>Figura 2</b> - Cartão Postal da Cidade Flutuante de Manaus. Fonte: Souza, 2016. ....	31
<b>Figura 3</b> – Meio de transporte fluvial dirigido por criança no Catalão. Fonte: Arquivo pessoal, 2016. ....	33
<b>Figura 4</b> - Representação do Ciclo Anual de Cheia e Seca do Rio Negro. Fonte: Porto de Manaus, 2016 .....	37
<b>Figura 5</b> - Território do Catalão no período da seca e cheia. Google Earth (imagem modificada). Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017. ....	38
<b>Figura 6</b> – Flutuante em solo seco no período de seca do rio. Fonte: Arquivo pessoal, 2016.	39
<b>Figura 7</b> – Representação gráfica das relações de parentesco por núcleos familiares. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.....	44
<b>Figura 8</b> – Organização das Famílias do Catalão no período da Seca. Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017.....	46
<b>Figura 9</b> - Organização das Famílias do Catalão no período da Cheia. Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017.....	47
<b>Figura 10</b> – Representação gráfica da rede de trabalhos dos moradores do Catalão. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.....	48
<b>Figura 11</b> – Representação gráfica das famílias com membros que estudam e trabalham na escola da comunidade. Fonte e org.: PORTELA, 2017. ....	50
<b>Figura 12</b> – Representação gráfica das redes de relações religiosas da comunidade. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.....	51
<b>Figura 13</b> – Distância entre a comunidade do Catalão e as UBS da CEASA e Lourenço Borgui. Fonte: Google Earth, 2017. ....	56

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACS	Agente Comunitário de Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
eSFF	Equipe de Saúde da Família Fluvial
eSFR	Equipe de Saúde da Família Ribeirinha
GPS	Sistema de Posicionamento Global
INPA	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
PNAB	Política Nacional de Atenção Básica
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

## 1 INTRODUÇÃO

### *Adentrando o Território*



Portela, 2016

A Amazônia é diversa em suas características geográficas, históricas, sociais e culturais, marcada por processos históricos de ocupação e organização e povoada por distintos atores sociais que formam várias “Amazônias” (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016). Esta população marcada pela diversidade é composta por ribeirinhos, índios, caboclos, quilombolas, camponeses, extrativistas e outros, que vivem em terra firme, várzea ou literalmente sobre as águas (LIMA *et al.*, 2016; MENDES *et al.*, 2008).

O território amazônico é influenciado diretamente pelo ciclo das águas, fenômeno natural no qual, durante o ano, os rios enchem e secam, determinando e afetando diretamente a vida dos moradores. Este ciclo também afeta as duas grandes regiões naturais características da Amazônia, a terra firme e a várzea. A terra firme não é diretamente afetada pela cheia dos rios, enquanto a área de várzea é alagada todos os anos, podendo literalmente inundar as casas da região (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

É neste cenário que os amazônidas produzem e reproduzem seu modo de vida, já que o regime das águas atua como mediador de sua vida social e cultural. O fenômeno da

enchente e vazante regula uma considerável parte de sua rotina, incluindo trabalho e relações sociais (KADRI, SCHWEICKARDT, 2016; MENDES *et al.*, 2008). Este fenômeno não está associado a catástrofes, mas é parte de um ciclo natural na rotina do caboclo-ribeirinho, no qual a água é um dos principais meios de vida. Assim, o território amazônico tem a característica de ser formado por uma realidade líquida, que atravessa a vida e as políticas públicas. Temos, portanto, um território líquido que é concreto, que se refere não somente aos limites ou barreiras geográficas, mas que produzem ligações e contatos entre as pessoas e entre as pessoas e as instituições (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

A singularidade e extensão territorial da Amazônia constituem um desafio no que concerne à integração política, social e sanitária para o país. No que se refere à saúde, adaptar os modos de fazer saúde às necessidades deste contexto requer do gestor traçar estratégias muito específicas para cada situação vivenciada pela população, já que a política nacional não dialoga necessariamente com as realidades e particularidades loco-regionais (KADRI, SCHWEICKARDT, 2016).

Essas peculiaridades colocam diante de nós a importância e o desafio de conhecer esta população, compreender a dinâmica do lugar, sua história, os desafios que se apresentam e o modo como produzem redes vivas neste território líquido, de forma a apoiar à formulação de estratégias adequadas à realidade local e às necessidades dos habitantes. Nesse sentido, buscamos ter um olhar mais atento para uma comunidade flutuante, composta por casas construídas literalmente sobre as águas, no Lago do Catalão, município de Iranduba/AM.

A pesquisa partiu do seguinte questionamento: Como os moradores da comunidade flutuante do Catalão se relacionam com o território em que vivem e como o fenômeno de cheia e seca dos rios influencia seu modo de vida? Explorar e descrever o modo de vida dos residentes da comunidade do Catalão permitiu compreender este grupo social dentro da sua especificidade, contribuindo para a produção de informações relevantes sobre os diferentes atores sociais que compõem a região amazônica e os modos singulares de viver nesse tipo de território.

O objetivo deste trabalho consiste, portanto, em analisar a territorialidade e a produção de redes de saúde nesta comunidade flutuante. Em primeiro lugar, nos interessou compreender o uso do território dos residentes da comunidade do Catalão em relação ao ciclo das águas (seca e cheia). Em segundo, mapeamos as redes de relações dos moradores da comunidade no que concerne à sua organização social e, por último, buscamos entender o



acesso e a utilização da rede de saúde pela comunidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário revisitar a literatura visando compreender melhor os conceitos teóricos que norteiam este trabalho.

A pesquisa foi submetida Plataforma Brasil e apreciada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Fundação de Medicina Tropical do Amazonas, em consonância às normas referentes às recomendações éticas e legais contidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013), recebendo a aprovação do CEP na data de 10 de março de 2017, sob o parecer consubstanciado N°: 1.958.713, CAAE: 64025316.1.0000.0005.

## 2 O TERRITÓRIO NAS REDES DE SENTIDOS

### *Primeiro Contato*



Schweickardt, 2017

Inicialmente, faremos um diálogo sobre conceitos que nos ajudam no entendimento dos eixos teóricos que nortearam o trabalho. Discutimos os conceitos de territórios e as singularidades do território amazônico, considerando a importância de se compreender que os espaços geográficos, embora aparentemente estáticos, são palcos de grandes movimentações que vão muito além de um limite territorial, formando redes vivas e existenciais que devem ser consideradas em todos os seus aspectos para melhor compreendermos a população amazônica.

## 2.1 Território e territorialidade: singularidades da Amazônia

O conceito de território está atrelado a múltiplas e diferenciadas tradições de abordagem e de apropriação do espaço, evidenciando a polissemia do termo (SANTOS E RIGOTTO, 2011). As disciplinas acadêmicas, segundo Haesbaert (2006), abordam o território de diferentes modos: o geógrafo enfatiza a materialidade do território em suas múltiplas dimensões; a política destaca sua construção a partir de relações de poder; a economia como um fator locacional ou como uma das bases da produção; a antropologia foca na dimensão simbólica relacionada ao estudo das sociedades tradicionais; a sociologia aborda a partir da intervenção nas relações sociais em sentido amplo; e a psicologia incorpora-o na perspectiva da construção da subjetividade ou identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo (HAESBAERT, 2006). Neste estudo, foi utilizada uma perspectiva mais antropológica e geográfica, pois ambas têm contribuições importantes na abordagem usada no campo da pesquisa.

O território pode ser considerado, ao mesmo tempo, um instrumento de poder e um valor de uso simbólico, identificador e existencial, sendo, portanto, ao mesmo tempo um território político e identitário (HAESBAERT, 1997). O território está relacionado ao poder, no sentido mais concreto da dominação e no sentido simbólico de apropriação. O território enquanto “espaço-tempo vivido” é múltiplo, diverso e complexo, enquanto que o território “unifuncional”, da lógica capitalista hegemônica é simplista e redutor da diversidade (HAESBAERT, 2004).

A construção do cotidiano dos indivíduos se materializa no entorno de coisas que apresentam valor simbólico, e neste sentido, os territórios revelam o que os indivíduos são enquanto seres pertencentes a uma sociedade (SARAIVA, CARRIERI E SOARES, 2014). “Conhecer o território, em primeiro lugar, é, como espaço apropriado, conhecer a si mesmo nas partes e no todo. Em segundo, conhecer o território é conhecer o outro.” (SILVA, 2002 *apud* SARAIVA, CARRIERI E SOARES, 2014, p. 12).

Neste sentido, o território é fruto de uma construção social afetado pela dinâmica e identidade formada historicamente a partir do próprio lugar, no sentido de possuir uma ligação direta com os indivíduos que o formam e que agem diretamente sobre as relações nele existentes. Neste sentido, podemos identificar territórios diversos com multiplicidade de diferentes espaços culturais, políticos e sociais que influenciam formas particulares de uma

identidade territorial (ZAMBRANO, 2001). Assim, é possível afirmar que a territorialidade está relacionada ao modo como as pessoas se apropriam, organizam e dão significado ao lugar. Incorpora a dimensão política, bem como as dimensões econômicas e culturais.

A territorialidade, como um componente do poder, não apenas um meio para criar e manter a ordem, é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK, 1986 *apud* HAESBAERT, 2004, p. 3).

No território estão presentes os aspectos tanto da política e do poder como do cultural e simbólico onde se realizam funções em virtude dos interesses próprios, além de dotar este lugar de significado. Nesse caso, o território é múltiplo porque as diferentes dimensões e usos estão presentes.

Haesbaert (2004) diferencia e caracteriza o território funcional e o território simbólico. Enquanto o primeiro traz a dimensão da dominação e da desigualdade, o segundo é o lugar da apropriação e da diferença. O primeiro é um território sem territorialidade, mesmo sendo empiricamente impossível; o segundo é uma territorialidade sem território, como, por exemplo, a “terra prometida dos judeus”. O primeiro tem como princípio a exclusividade, chegando, ao seu extremo, na unifuncionalidade, enquanto que o segundo tem o princípio da multiplicidade, tendo, no seu extremo, as múltiplas identidades. Por fim, o território funcional é um recurso e um valor de troca, e por isso exerce o controle físico, a produção e o lucro; enquanto que o território simbólico é simbólico e um valor simbólico, trazendo o significado de abrigo, lar e segurança afetiva. Essa dicotomia é mais para a compreensão do território, por isso, o autor alerta que é importante entender a historicidade do território e suas mudanças no contexto local.

No que se refere ao território amazônico, este é formado por uma grande diversidade de redes e conexões que se fazem nos rios, lagos, várzeas, igapós e paranás. Possui duas grandes regiões naturais, a terra firme e a várzea. A terra firme não é afetada diretamente pelos rios, pois possui florestas altas e densas, além de savanas, cerrados e campos naturais. Por sua vez, a várzea é uma planície aluvial sujeita a inundações parciais ou totais que ocorre anualmente. (SCHERER 2004a; SCHWEICKARDT *et al.*, 2016). Pensar neste território requer considerar a dinâmica do lugar e seus complexos processos nos quais a água dita de forma direta e indireta a vida da população.

O território líquido é uma metáfora que simboliza as relações existentes entre o território geográfico e o conjunto de relações simbólicas do povo que vive em determinado espaço, mantendo suas tradições culturais em um lugar específico (LIMA *et al.*, 2016). O “líquido” caracteriza um lugar que é fluido, não fixo, que existe a partir do uso que se faz dela. Trata-se de uma realidade concreta e material que une as pessoas, conecta realidades dentro de um tempo e mistura a história dos lugares com as histórias de vida das pessoas (KADRI, LIMA E SCHWEICKARDT, 2017).

Viver na Amazônia está diretamente relacionado a conviver com os rios, pois, na maioria dos lugares, o contato se faz por meio deles. Pensar no território amazônico requer considerar estas malhas e comunicações das águas que, embora sejam canais de conexão entre os lugares, diferem das estradas, pois secam e enchem, seguindo os ritmos determinados pela natureza, sobre os quais as pessoas constroem as suas vidas (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

O território líquido não é um divisor-delimitador do espaço, mas se constitui num elo de ligação entre pessoas, serviços e instituições. É lugar de vida e significado, agenciador de encontros e energias das relações sociais e existenciais (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016; KADRI, LIMA E SCHWEICKARDT, 2017). Assim, fica evidente a importância de discutir este território vivo a partir do cotidiano das pessoas, para melhor compreensão das relações sociais que ultrapassam o que está prescrito pela política de saúde para um território adscrito, na perspectiva do fenômeno da enchente e vazante característico deste território líquido (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016; LIMA *et al.*, 2016).

Este território líquido é marcado pelo ciclo das águas, fenômeno natural em que os rios enchem e secam durante o ano, podendo ser subdividido em quatro períodos, definidos segundo critérios hidrológicos: seca, enchente, cheia e vazante (BITTENCOURT E AMADIO, 2007). A seca tem seu ápice por volta do mês de novembro, seguido da enchente que inicia com as chuvas de novembro até o mês de julho, em que ocorre o auge da cheia e início da vazante, quando as águas começam a baixar novamente. A posição geográfica também interfere neste ciclo, pois a cheia inicia no alto ou cabeceira dos rios e repercute sucessivamente a medida que o rio desce. Por este motivo as regiões dos rios são divididas em Alto, Médio e Baixo (HEUFEMANN, LIMA E SCHWEICKARDT, 2016; KADRI E SCHWEICKARDT, 2016).

Viver na várzea requer constante reordenamento da rotina diária em virtude do ciclo das águas. No período da seca as casas ficam isoladas e de difícil acesso, pois os moradores

precisam realizar longos percursos até chegar ao porto. A cheia muitas vezes inunda as casas obrigando os moradores a utilizarem maromba<sup>1</sup> para guardar seus pertences, transportarem os animais para terra firme ou coloca-los em currais flutuantes e mudarem suas atividades de agricultura para pesca (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

Tendo em vista a vastidão do território amazônico, a distância que separa os moradores entre si e da sede dos municípios é outra característica a ser ponderada. Os meios de transportes fluviais determinam o tempo de deslocamento entre uma localidade e outra. Quanto mais potente o motor utilizado na embarcação, mais rápido se chega ao destino, tornando as distâncias relativamente “menores”. Neste caso, os períodos de cheia favorecem o deslocamento entre as localidades (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

Por fim, consideramos de grande importância a compreensão do uso do território que os moradores da comunidade do Catalão fazem em sua localidade, que relações estes estabelecem tanto com o espaço que ocupam quanto com os grupos sociais ali existentes, tendo em vista a natureza deste lugar que vivem é eminentemente líquida. As casas não estão somente sobre as águas, mas também se movimentam com ela e a vida segue o ciclo anual dos rios. O líquido está sob, entre e no meio da vida das pessoas, mediando os fazeres e os seres do lugar. Não podemos dizer que a relação é harmoniosa porque não é, pois a vida em si é repleta de lutas e conquistas. Porém, não podemos negar que é nesse lugar que as pessoas constituem as suas famílias, sendo, portanto, o seu lugar e a sua vida.

## **2.2 Redes vivas no território líquido**

Consideramos de fundamental importância compreender as complexidades da vida social da população que habita o território líquido do Catalão, pois este conhecimento possibilita avanços em programas de desenvolvimento e políticas que beneficiem esta coletividade dentro da sua singularidade. Para tal, trabalhamos na perspectiva de redes vivas e existenciais, considerando que as pessoas conectam-se em seu dia-a-dia, formando uma vasta rede em seu território existencial.

---

<sup>1</sup> A maromba é uma construção feita de tábuas ou troncos com o objetivo de guardar coisas, plantas ou animais durante o período de grandes enchentes.

O conceito de redes vivas, proposto por Merhy (2014) nos remete à reflexão de que as pessoas, em seu cotidiano, não são estáticas e imutáveis, mas produzem conexões, fragmentárias e em acontecimento, estando em constante movimento, produzindo saberes, construindo e partilhando cuidados, formando um mundo em si mesmas que converge com o mundo que os cerca. “As redes vivas se referem às pessoas e aos seus modos de produzir as suas existências nas dimensões material e simbólica” (HEUFEMANN, LIMA E SCHWEICKARDT, 2016. p. 335).

As redes sociais constituem o conjunto de relações de confiança desenvolvido por pessoas e grupos que resulta na produção de vínculos que vão além das relações de parentesco e amizade, podendo incluir diferentes formas de participação social, seja religiosa, sindical, recreativa ou de moradores (BUDÓ *et al.*, 2010). Empenhar-se em conhecer as redes produzidas pelos atores sociais que compõem a Amazônia possibilita atentarmos para um modo de vida rico em história, cultura, saberes, tradições e modos de vida que devem ser considerados por gestores e profissionais de saúde que atuam para o benefício desta população.

Os moradores que compõem o território amazônico são diversos e multiculturais, compostos por indígenas, negros, imigrantes nordestinos e de outras partes do Brasil, descendentes de estrangeiros, moradores de pequenas cidades ou de isoladas comunidades rurais, ou na populosa zona urbana da capital, todos com hábitos tanto comuns quanto diversos. Em especial na zona rural do estado, estão organizados em agrupamentos dispersos formando as “comunidades”. São genericamente chamados de ribeirinhos, já que em sua maioria vivem às margens dos rios, em casas de madeira construídas em palafitas, mais adequadas ao período de enchente dos rios. (SCHERER, 2004b; LIMA *et al.*, 2016).

A economia ribeirinha baseia-se na produção dos alimentos necessários à subsistência. Atividades extrativistas, agrícolas e pesqueiras fazem parte do cotidiano, variando de acordo com o ciclo das águas. Em geral, todos os membros da família estão envolvidos no processo de trabalho, incluindo crianças. (SCHERER, 2004b) Esse modo de vida se reproduz de geração em geração, no qual os pais passam para filhos e netos as técnicas de manejo dos recursos naturais, as lendas, ritos religiosos, a construção de suas casas e outros costumes. A medida que os filhos se casam, outros núcleos familiares são formados, dando origem até mesmo a novas comunidades (FRAXE, 2000).

As comunidades ribeirinhas, em geral, possuem escola com educação básica, igreja católica ou evangélica e um salão comunitário onde são realizados eventos sociais pelos moradores. Em relação a saúde, algumas possuem um Agente Comunitário de Saúde (ACS) ou técnico de enfermagem dentre os próprios moradores (SCHERER, 2004a). Comunidades maiores podem ter uma unidade de saúde que recebe visitas mensais de profissionais de saúde para atendimento a nível básico.

As redes de serviços de saúde disponíveis no interior do estado do Amazonas não são suficientes para atender as necessidades da população. Há dificuldades de fixação de profissionais de saúde, os serviços de alta complexidade e cerca de 89% de média concentram-se em Manaus, fazendo com que usuários de todo o estado recorram à capital em busca de atendimento especializado (GARNELO, SOUZA E SILVA, 2017). Sob esta perspectiva, podemos afirmar que políticas que visam somente a otimização dos recursos e desconsideram a singularidades dos territórios, produzem iniquidades, uma vez que os recursos estão concentrados nos grandes centros.

Se estas dificuldades são enfrentadas por moradores de pequenas cidades do estado, os desafios tornam-se ainda maiores para àqueles cujas moradias estão em lugares mais afastados neste vasto território amazônico. Assim, reforçamos a importância de voltar nossa atenção para estes que aos olhos de alguns não são visíveis, mas que fazem parte da população que compõe o estado, com os mesmos direitos garantidos constitucionalmente.



### 3 CAMINHOS TRILHADOS NA PESQUISA

#### *O Percurso*



Schweickardt, 2017

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo descritiva e exploratória realizada em uma comunidade flutuante denominada Catalão. O lago do Catalão é parte do município de Iranduba e está localizado próximo à confluência dos rios Negro e Solimões (figura 1), a uns 3km de distância do porto da CEASA em Manaus, e a mais de 30km da sede de Iranduba. Está conectado ao rio Solimões através de um curto canal no período da enchente, e raramente fica desconectado do Rio Negro. Como a maioria dos lagos em área de várzea na Amazônia, este lago aumenta ou diminui de tamanho de acordo com o nível dos rios adjacentes. Nas secas mais intensas, este lago resume-se a uma pequena área denominada “poção”, mas ainda permanece ligado ao Rio Negro (LEITE, SILVA E FREITAS, 2006).



**Figura 1.** Município de Iranduba em contorno vermelho. Localização do Lago de Catalão identificado no círculo vermelho. Fonte: Google Earth, 2016.

Usamos a cartografia como método para explorar as redes vivas sociais e de saúde que se fazem no cotidiano dos moradores da comunidade do Catalão. A cartografia é um caminho metodológico que compreende o envolvimento do sujeito na realidade que pesquisa e intervém. As questões da subjetividade estão presentes na produção de conhecimento, pois é nele que se constrói o sujeito e o processo de individualização. Intervir é fazer esse mergulho no plano implicacional, na realidade concreta dos sujeitos. Desse modo toda intervenção é um ato de construção dos sujeitos, sendo, portanto, uma ação política (PASSOS E BARROS, 2010). Mapear estes processos foi importante para a compreensão da noção de territorialidade, identidade social e práticas de cuidado no que diz respeito à saúde, em especial referente ao uso dos recursos formais disponíveis nos sistemas públicos de saúde a esta população.

A coleta dos dados ocorreu no período de dezembro de 2016 a outubro de 2017, dividida em quatro etapas: mapeamento das casas-flutuante, identificação das famílias, entrevistas com moradores e entrevistas com profissionais de saúde. Na primeira etapa, utilizamos Sistema de Posicionamento Global (GPS) para marcar cada flutuante e identificar as residências, pontos comerciais, igrejas e outros locais de uso da comunidade em dois momentos, no auge da seca e posteriormente no ápice da cheia. Os pontos marcados no GPS que situava a posição de cada flutuante foram convertidos em um mapa, utilizando imagens

de satélite disponível no *Google Earth*. A construção destes mapas do território permitiu verificar o deslocamento das residências por conta da variação das águas e a influência deste fenômeno na vida dos comunitários (APÊNDICES A e B).

Identificamos 111 flutuantes existentes na comunidade, dos quais 88 eram residências, 05 igrejas, 06 usados para o comércio e turismo como restaurantes e viveiros de peixe, 01 escola, 01 unidade do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) e o restante de uso pessoal das famílias como casas de farinha e casa para os animais domésticos ou ainda em construção. Cada flutuante recebeu um código de identificação especificando seu tipo.

Para identificar as redes de relações dos moradores, contamos com a participação dos comunitários. Usando um formulário semiestruturado, visitamos todas as famílias da comunidade e buscamos informações como nome, idade, sexo, grau de parentesco dos residentes com outros membros da comunidade, tempo de moradia na localidade, religião, escolaridade, relações de trabalho e estado geral de saúde da família (APÊNDICE C). O deslocamento entre as casas foi feito em colaboração com um morador que contribuiu não somente com o transporte na sua embarcação, mas também nos deu as informações iniciais sobre as famílias e os flutuantes. A partir destes dados, criamos um banco no programa *Microsoft Excel* para inserção das informações a serem analisadas. Este banco permitiu verificar o número de residentes na comunidade, bem como suas relações familiares e sociais. As redes de relações foram representadas por meio de grafos criados no programa *NodeXL Basic*.

Cada flutuante-residência recebeu um código precedido da letra F e uma sequência numérica, iniciando com F-1 até F-88. Embora tenhamos identificado 88 residências, não foi possível contatarmos os moradores de 21 flutuantes, pois não estavam presentes na comunidade durante as visitas para coleta dos dados. Os flutuantes onde não conseguimos contatar as famílias foram: F-02, F-20, F-23, F-25, F-29, F-36, F-37, F-39, F-47, F-49, F-57, F-59, F-61, F-62, F-63, F-65, F-71, F-75, F-76, F-81 e F-86. Portanto, nesta pesquisa, trabalhamos com os residentes dos 67 domicílios dos quais obtivemos as informações. Nos referimos aos moradores de cada residência como “família”, considerando que, para além de laços consanguíneos, família refere-se a “um grupo afetivo, influenciado por uma diversidade de fatores e contextos e caracterizado por relações íntimas e intergeracionais” (COELHO, VELOSO E BARROS, 2017).

Partindo das informações coletadas nesta etapa, foi possível identificar três informantes-chave da comunidade: uma liderança comunitária, uma liderança religiosa e um morador antigo, que foram convidados a participar de uma entrevista baseada em um roteiro com questões abertas previamente definidas (APÊNDICE D). O roteiro possibilitou o acesso a informações sobre como a comunidade começou, a organização do território, educação, transporte, lazer, saneamento básico e situação de saúde, sempre correlacionando com os períodos de seca e cheia. Estas entrevistas associadas aos dados coletados na etapa anterior forneceram informações suficientes acerca do fenômeno estudado.

Para melhor entendimento sobre o uso da rede formal de saúde pelos comunitários do Catalão, entrevistamos um profissional da equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Iranduba, responsável por realizar a assistência de saúde na comunidade. Entrevistamos ainda dois profissionais da UBS Dra. Luiza do Carmo Ribeiro Fernandes, que é a unidade de escolha dos moradores diante de uma necessidade de saúde, baseadas em um roteiro previamente elaborado (APÊNDICES E e F).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e categorizadas para a análise. Visando preservar o anonimato dos participantes entrevistados, estes foram identificados através dos seguintes códigos: M-(1, 2 ou 3) – morador da comunidade; PII – profissional de saúde do Iranduba; PC-(1 ou 2) – profissional da UBS do CEASA. Recorremos à Análise de Discurso para auxiliar na interpretação das falas, no qual buscamos os sentidos implícitos nas expressões dos sujeitos dentro de seu contexto sócio histórico (CAREGNATO E MUTTI, 2006).

Durante toda a pesquisa fizemos a observação participante. Este método refere-se a um processo no qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social em relação direta com seus interlocutores, se possível participando da vida social deles, a fim de coletar informações que o ajudem a compreender o contexto da pesquisa. Também foi empregado como instrumento o diário de campo no qual foram descritas as impressões pessoais, resultados de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, dentre outros aspectos (MINAYO, 2014).

#### 4 TERRITORIALIDADE E A PRODUÇÃO DE REDES NO CATALÃO

*Explorando o Território*



Schweickardt, 2017

A comunidade do Catalão é formada por 88 famílias que residem em 111 casas-flutuante. As casas-flutuante não são somente residências, mas incluem comércios, restaurantes, pontos turísticos, casas-de-farinha, escola, igrejas, locais para lazer, criação de animais, plantações, dentre outros. Os flutuantes ficam amarrados em poitas<sup>2</sup> feitas de concreto que ficam no fundo do rio e em árvores ou pedaços de madeira fincados no chão, para que não siga o fluxo do rio ou não batam uns nos outros, principalmente em caso de chuvas fortes. Discorreremos sobre como a comunidade começou e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, sempre correlacionando ao ciclo das águas.

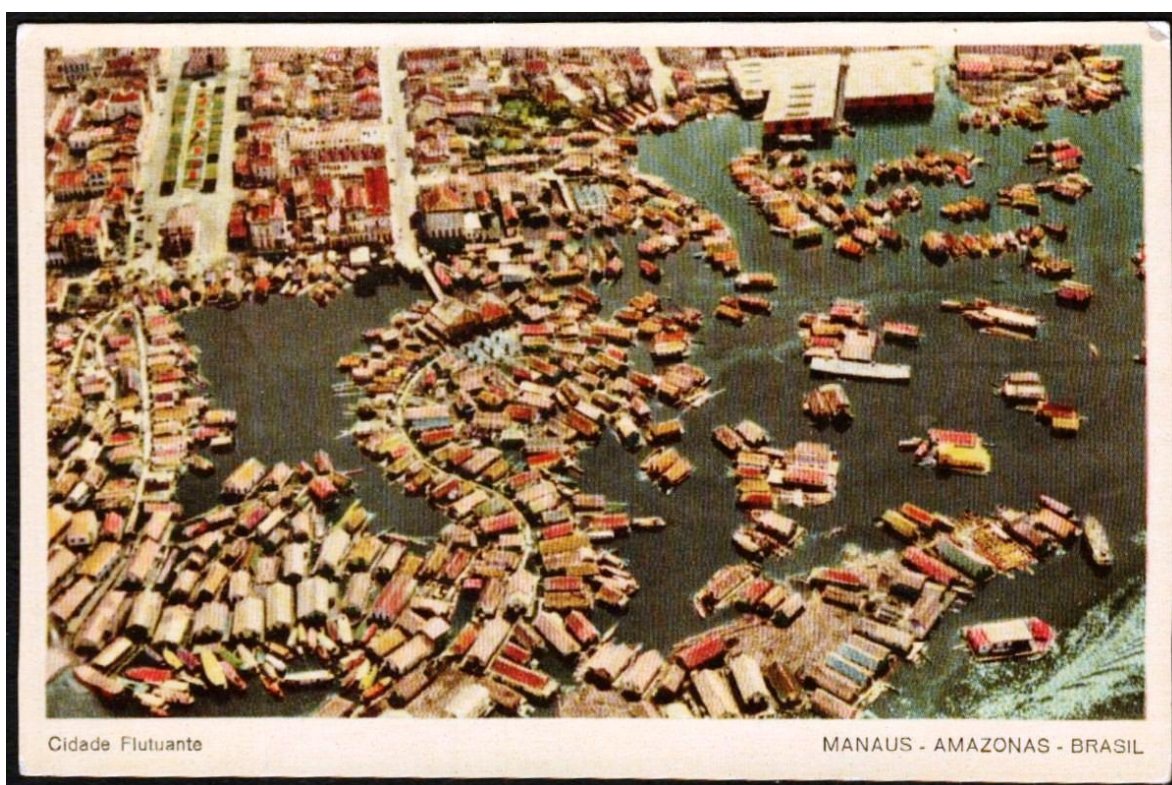
---

<sup>2</sup> Poitas são objetos pesados feitos de concreto que ficam no fundo do rio e servem como “âncora” para manter os flutuantes em seu lugar.



#### 4.1 Memória da “Cidade Flutuante”

O modelo de ocupação identificado como “cidade flutuante” é parte da história da cidade de Manaus desde a década de 1920. Representava um conjunto de casas de madeira construídas sobre troncos que flutuavam nas águas do Rio Negro e igarapés da cidade. Ficava localizada na área central de Manaus, e estima-se que chegou a ter mais de 2 mil casas ocupadas por 12 mil moradores na década de 60 (SOUZA, 2016). Por questões políticas, a “cidade flutuante” foi desativada, porém as “casas flutuantes” ainda são encontradas em diversos municípios do interior do Amazonas, como é o caso da comunidade do Catalão.



**Figura 2** - Cartão Postal da Cidade Flutuante de Manaus. Fonte: Souza, 2016.

Não se tem registro de como começou esta comunidade, mas os moradores relatam que a mesma existe há mais de 35 anos. Algumas famílias que moravam na Costa do Catalão, em Iranduba e em outras localidades foram chegando com suas casas flutuantes e passaram a viver na localidade. Com a ampliação das famílias, as casas foram sendo construídas no próprio local.

*Ela surgiu aos poucos. Quando eu cheguei aqui em 1989 não tinha comunidade, não tinha nada. Tinha apenas alguns habitantes [...]. Então, a partir daí, foi virando*

*um grupo maior, onde houve sim a necessidade de começar a criar uma comunidade, legalizar, autenticar (M1).*

*Quando eu morava aqui só era esse (flutuante) daí da minha mãe e de mais dois vizinhos. Um desses vizinhos foi o primeiro morador daqui. De lá pra cá foi chegando cada vez mais gente. [...] Quem chegava, morava, mas sem dar satisfação a ninguém; não existia organização nenhuma (M2).*

Com o tempo, as famílias foram se organizando e estabelecendo normas para o convívio dos moradores. Começou-se a construir igrejas, comércios, lugares para lazer, escola e ficou definida a localização de cada flutuante, tanto no período da cheia como no período da seca. Atualmente, não se permite que qualquer pessoa passe a morar na comunidade, por questões de segurança, e também devido ao espaço limitado, pois no período em que está seco as casas precisam se organizar para permanecer no que resta de água do rio.

*A comunidade foi crescendo e crescendo [...] então foi preciso parar porque já se estava perdendo o controle e, como é sobre as águas, a água vai acabando e ficando espaços difíceis, e nossas casas não podem ficar na terra. Então hoje a gente não tem mais como deixar que ninguém venha fazer mais uma casa. [...] Hoje a comunidade só tem um meio de adicionar moradores: apenas se alguém da família casar (o filho, a filha, o neto), e tem que arranjar um lugarzinho para ele, só assim agora (M1).*

*A gente já não tá querendo que alguém entre com flutuante pra ficar na comunidade, porque [...] às vezes não vem alguém legal, agora as coisas estão complicadas, né? Quando vem o bom também vem o ruim (M3).*

Foi possível perceber que a disposição das casas foi sendo definida à medida que iam chegando os moradores e escolhiam um lugar dentro do lago para morar. Com a formação de novas famílias entre os próprios moradores, novos flutuantes foram sendo construídos e posicionados próximos aos familiares. Entretanto, o fator determinante para a disposição das casas é o rio.

*Eu moro aqui, meu filho mora aqui, a minha menina já mora do outro lado, quando é na seca ela já mora pra cá. Não é devido à parentela, quem manda em nós é o rio (M3).*

O único meio de transporte na comunidade é o fluvial, sendo canoas de madeira ou alumínio que podem ser conduzidas a remo ou motor de popa, e também as lanchas com motores mais potentes. Os comunitários desenvolvem habilidades para conduzir as embarcações desde a infância para se locomoverem entre as casas (Figura 3). Quando a pessoa não possui uma embarcação, fica na dependência de “pegar carona” com um vizinho que vai resolver algum assunto, seja dentro da comunidade ou em Manaus, por exemplo. A distância determina que tipo de embarcação será usada. Não existe transporte público disponível aos comunitários.

*Dependendo da distância, se vou aqui pra perto eu vou na canoinha de remo, se for mais long e vou no piso da rabeta, se é mais além já vai ser num barco maior. Então, dependendo da distância do lugar, muda também o meio de transporte (M1).*



**Figura 3** – Meio de transporte fluvial dirigido por criança no Catalão. Fonte: Portela, 2016.

O Catalão possui energia elétrica desde 2007, fruto de esforço árduo da comunidade, que iniciou em 2003. Foram grandes os desafios logísticos e burocráticos para que este intento se realizasse, pois foram necessários 102 postes para interligar a rede de energia do município de Iranduba à comunidade, adquiridos com recursos próprios dos comunitários. As cheias do rio também afetaram este processo, pois tinham que parar o trabalho por conta das águas para serem retomados os serviços no período da seca. Esta foi uma conquista de grande



relevância para a comunidade e afetou de maneira direta seu modo de vida, expressa nas palavras de umas das lideranças da comunidade:

*Com a ajuda da comunidade, ajudando os engenheiros da Amazonas Energia, o serviço foi sendo concluído. Os fios foram sendo colocados nas casas e finalmente, quando foi pra ligar a energia, eu fui chamada para ligar a chave geral. Quando eu liguei a chave, só escutei a gritaria do povo. Comecei a chorar feito louca desesperada. A comunidade toda gritava numa alegria que não se pode descrever. O povo batia em panela, mesmo que ainda não tivessem luz (em todas as casas), eles sabiam que a luz tinha chegado (M1).*

Um fato curioso diz respeito ao uso de água pelos moradores. Embora residam sobre o rio, os mesmos enfrentam diversas dificuldades relacionadas ao uso da água em suas necessidades diárias de higiene e para o consumo.

*Pra gente ter água no dia a dia, nós temos que buscar do outro lado [...] Por exemplo, você acorda querendo fazer um café, um almoço, e tá sem água. Tem muita aqui, mas a gente não trata [...] E tudo tem que ter economia. Você tem que ficar racionando a água, porque não pode gastar muito, porque é ruim de buscar. As vezes a gente também não tem um vasilhame suficiente e fica difícil na seca (M2).*

*Na época da cheia, usamos para banhar, lavar, mas não para fazer nosso alimento nem pra tomar. Pegamos nossa água no poço artesiano, lá no CEASA. 100% se pega a água do outro lado do rio. Nesse tempo (da seca), a água é só para segurar nossa casa (M1).*

Um fator que contribui para isso se deve aos banheiros, que não possuem sistema de tratamento de dejetos, sendo estes despejados diretamente no rio, tornando inadequado o consumo de água. De forma que, tanto na cheia quanto na seca, os moradores precisam pegar a água para beber e fazer comida onde o rio é mais profundo, fora da comunidade, ou no Porto da CEASA, em Manaus. Alguns coletam a água da chuva para limpeza da casa e higiene pessoal, principalmente no período da seca, quando a água se torna ainda mais escassa e obriga os moradores a andarem longas distâncias a fim de buscarem água do rio. Os moradores usam também uma bomba d'água para puxar diretamente do Rio Negro, e neste caso, fazem fila em canoas com vasilhames para aparar a água e usá-la para limpeza doméstica e lavagem de roupas. Apesar de afirmarem não usar água durante a seca,

percebemos durante a pesquisa que alguns moradores usando esta água para cuidar das necessidades da família, como lavar a louça.

Quanto ao lixo produzido, são ensacados e armazenados até um barco de coleta do município de Iranduba passar para pegar uma vez por mês. Todavia, segundo os moradores, o barco demora até quatro meses para passar, fazendo com que alguns queimem seus lixos, porque o espaço nos flutuantes é limitado e o acúmulo de lixo causa transtornos. Outros o levam para jogar no porto da CEASA. Não há nenhum tipo de coleta seletiva feito pelos comunitários. Há um acordo entre os comunitários de não jogarem lixo no rio, mas vez por outra acontece.

Foi relatado ainda que o lixo trazido pelo rio de outras localidades também chega na comunidade tornando o ambiente sujo e desagradável. Uma cooperativa de transporte de turismo ambiental com base comunitária da Amazônia promove uma gincana ambiental uma vez ao ano, por volta do mês de julho, envolvendo toda comunidade em uma disputa com premiação para equipes que recolherem mais lixo nos arredores, como forma de incentivar a preservação ambiental e a importância de não poluir as águas.

Para melhor compreensão das nuances envolvidas neste modo de vida em que os residentes adequam seu cotidiano para viver sobre as águas, consideramos importante entender o que significa, geograficamente falando, este processo de enchente e vazante dos rios para os comunitários do Catalão. Desta feita, vamos falar sobre as mudanças no território nestes períodos e os principais desafios enfrentados pelos comunitários do Catalão.

## 4.2 O Território Líquido do Catalão: “Quem manda em nós é a água”

### *Alunos Indo Para a Escola*

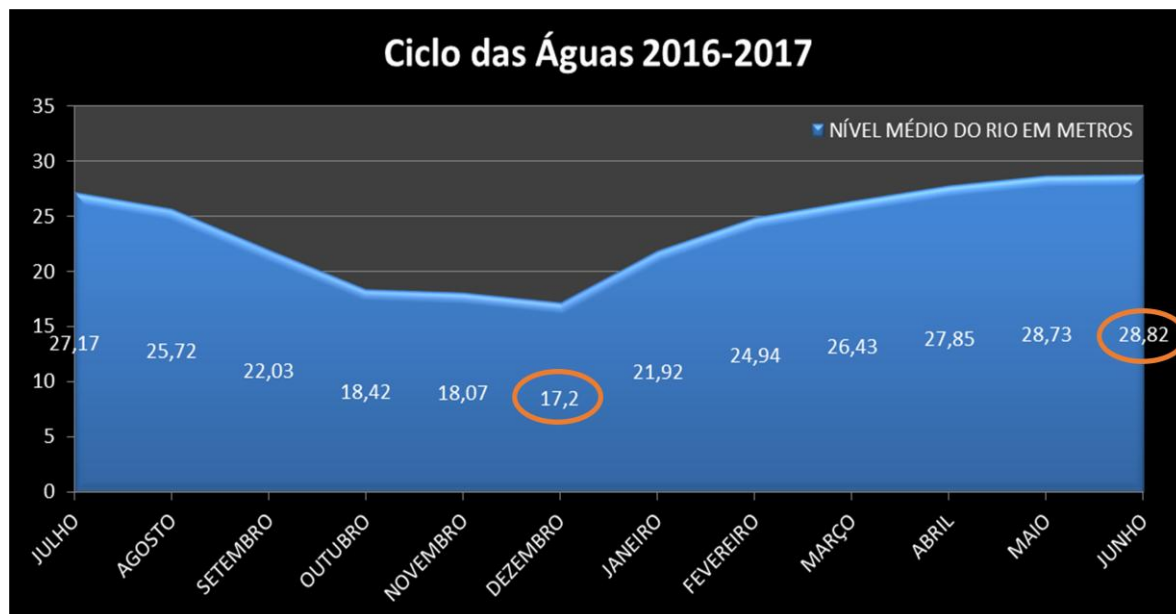


Silva, 1993

A comunidade do Catalão é um exemplo bastante apropriado de território líquido. Há muito envolvido no processo de enchente e vazante dos rios que afeta diretamente a rotina dos moradores. Comparecemos à comunidade para conhecer a realidade local tanto na seca quanto na cheia, e visualizamos as mudanças que ocorrem no território com o ciclo das águas e como estas afetam o dia-a-dia dos comunitários.

Em 2016 o Rio Negro começou a secar no início do mês de julho, quando estava com 27,17m de altura. A descida do rio iniciou lentamente, cerca de 1 a 3cm/dia, mas aumentou consideravelmente no mês de setembro, chegando a secar 22cm/dia, e novamente voltando a diminuir vagarosamente até chegar ao ápice da seca por volta do mês de dezembro, com o rio medindo 17,20m, uma redução de cerca de 10 metros de altura (PORTO DE MANAUS, 2016). Podemos imaginar o que significa ter uma variação de 10 metros na organização da vida e as mudanças que as pessoas necessitam implementar para viver nesse território.

A enchente do rio é o fenômeno que marca o fim da seca, e no caso do Rio Negro, recomeçou a partir do dia 17 de dezembro de 2016, subindo até 26cm/dia no mês de janeiro. Nos meses seguintes o rio continuou subindo o nível, chegando ao auge de 29m no dia 03 de junho, cerca de 2m a mais que no ano passado (PORTO DE MANAUS, 2016).



**Figura 4** - Representação do Ciclo Anual de Cheia e Seca do Rio Negro. Fonte: Porto de Manaus, 2016

Fizemos o mapeamento das casas com o auxílio do GPS e construímos um mapa dos territórios em ambos os períodos, conforme ilustrado na figura 5. No período da seca, os flutuantes tendem a ficar muito próximos para manterem-se na estreita faixa de rio que permanece neste momento. Outros precisam ficar à beira do Rio Negro ou em pontos isolados, no qual só é possível chegar por terra. Algumas casas estavam em locais de difícil acesso, não sendo possível chegarmos até lá para pontuar com o GPS.

A cheia do rio, por sua vez, traz uma nova conformação ao território, visto que, com a subida das águas, os moradores ganham mais espaço para acomodar as residências, como parece mais conveniente. As terras vão desaparecendo gradualmente até que ficam somente as copas das árvores mais altas, onde as residências permanecem amarradas.

Este mapeamento tornou possível perceber o deslocamento dos flutuantes e o percurso que fazem seguindo o curso das águas. Algumas casas permanecem no lago onde concentram-se o maior número de flutuantes da comunidade, de forma que o deslocamento varia de 15 a 30 metros, em linha reta, entre os períodos de seca e cheia. Outros flutuantes precisam afastar-se e ficar em lagos em pontos isolados, movendo-se de 50 a 80 metros. Ainda outros ficam a beira do Rio Negro, e neste caso percorrem cerca de 300 metros, em linha reta. Isso mostra que diariamente o fenômeno de cheia e seca dos rios está presente na vida destes comunitários.

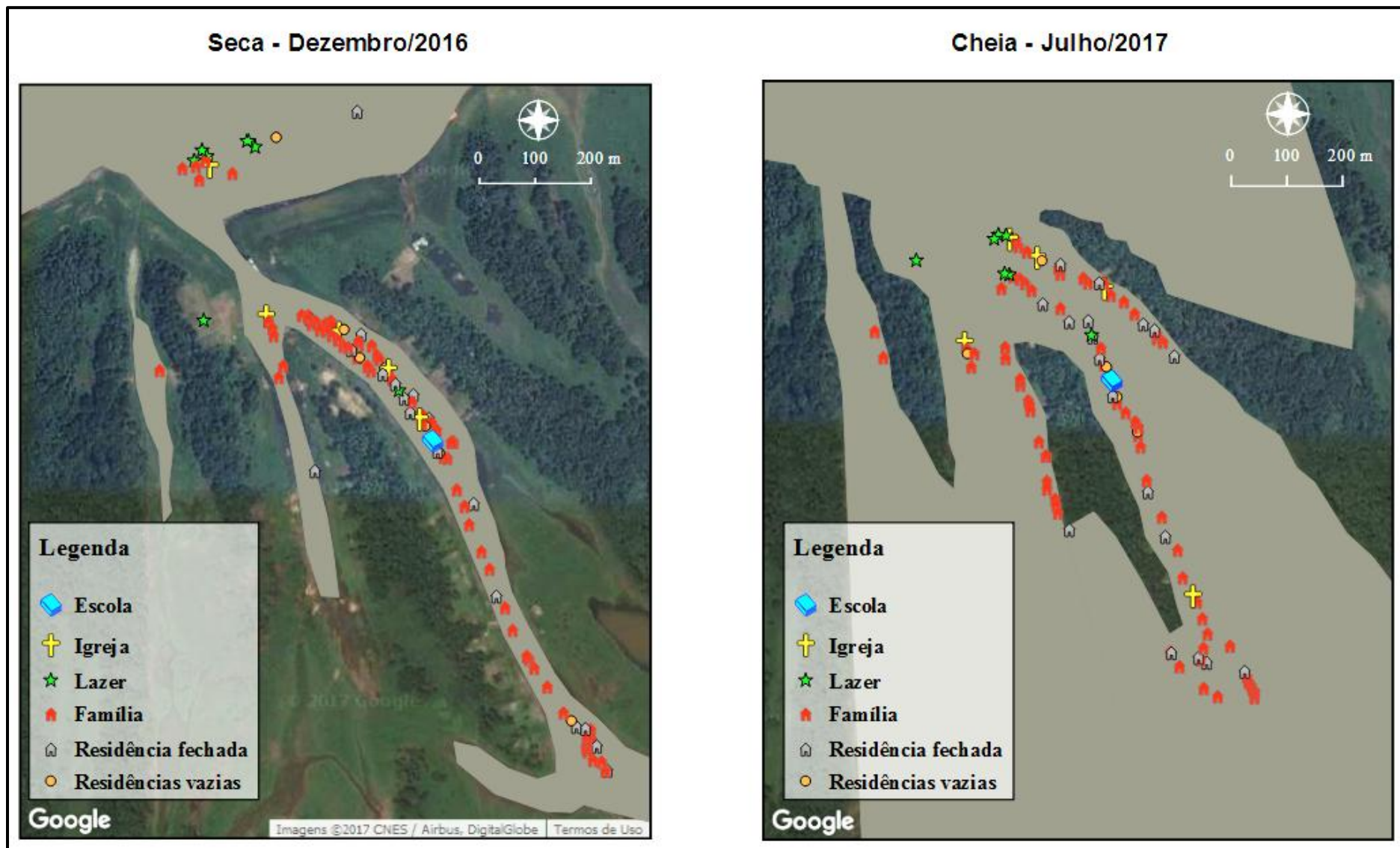


Figura 5 - Território do Catalão no período da seca e cheia. Google Earth (imagem modificada). Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017.



#### 4.2.1 O território líquido no período da seca

A maior dificuldade no período da seca se refere à acomodação das casas-flutuante no território. Com o estreitamento da faixa de rio e aparecimento do solo seco, é necessário que as casas fiquem próximas umas das outras, sendo possível até mesmo andar livremente entre elas. Em casos extremos, quando o rio seca muito, alguns flutuantes não têm outra alternativa senão ficar com parte em solo seco, o que não é desejável, pois as casas são construídas sobre troncos de madeira que possuem tamanho e formato irregular, e quando ficam sobre a terra a estrutura da casa fica comprometida e pode sofrer sérios danos.

*Tem lugares que fica mais baixo e tem que saber o lugar que fica mais fundo. Porque as nossas casas não podem ficar na terra, por que às vezes esculhambam, [...] tem que ficar toda na água. Então, a gente sempre vai procurando; vai puxando com o motor; vai puxando no cabo, até achar aquele lugarzinho certo da sua casa ficar flutuando (M1).*



**Figura 6** – Flutuante em solo seco no período de seca do rio. Fonte: Portela, 2016.

Com a redução do espaço por conta da seca dos rios, alguns flutuantes precisam ser levados para lugares em que possam permanecer na água. Neste caso ocorrem duas situações. Primeiro, algumas casas ficam em pontos isolados, permanecendo em pequenos lagos onde só é possível chegar a pé ou em pequenas canoas. Isto traz diversas dificuldades, como por exemplo, a necessidade de sair ou entrar na comunidade para realizar suas atividades cotidianas.

*Quando a seca é grande a maioria deixa os seus barcos lá fora, na beira do Rio Negro. Porque nossa comunidade é um laguinho, mas fica bem próximo à beira do Rio Negro [...] cria uma ilha. Então os barcos ficam lá. Quando está seco tem essa dificuldade: Você vai até dar um passeio, tem que meter o pé na lama, você já pensou? Eu vou pro casamento do vizinho, vou toda bonitinha, mas o sapato vai na mão! Minhas unhas que acabei de arrumar vai encher de barro (M1).*

Outra situação que ocorre se deve aos flutuantes que precisam ficar na margem do Rio Negro. Neste caso, quando ocorrem temporais, com chuva, vento e banzeiro<sup>3</sup> fortes, também coloca em risco a integridade das casas e das famílias expostas a estes eventos. Entretanto, para os que conseguem permanecer dentro do lago, as casas ficam abrigadas dos temporais, mas precisam lidar com o calor e as dificuldades para conseguir água para suas necessidades diárias.

*Na seca, a gente fica mais abrigado, fica sem o banzeiro. Por que aqui é uma ilha de terra na frente, fica só o lago. A gente já fica lá mais em baixo, os temporais passam mais por cima. Mas a gente já tem o calor, a água fica muito quente, porque fica pouca água e fica quente e poluída (M1).*

O período da seca foi descrito pelos moradores como o que mais traz dificuldades. Estas estão relacionadas à acomodação dos flutuantes, deslocamento para realizar suas atividades diárias como trabalhar e estudar, uso de água para suprir suas necessidades e o aumento da temperatura local. Por outro lado, a seca permite aos comunitários trabalhar na agricultura, facilita, de certa forma, a pesca e oportuniza usarem a terra para o lazer, como o futebol. A cheia dos rios, por sua vez, também tem seus benefícios e outros desafios.

#### **4.2.2 O território líquido no período da cheia**

O período da cheia tornou possível chegarmos facilmente a todas as casas para o mapeamento, e a diferença da seca foi bem evidente. Assim como na vazante as casas descem junto com o rio, na enchente os residentes do Catalão retomam o curso inverso, subindo seus flutuantes a medida que o rio avança. Percebemos agrupamentos de flutuantes afastados uns dos outros, e descobrimos que estes agrupamentos são de parentes mais próximos.

---

<sup>3</sup> O banzeiro se refere as ondulações nas águas dos rios provocadas por embarcações, ventos fortes ou pelo movimento natural das águas.

A enchente do rio torna mais fácil aos moradores lidarem com algumas situações do dia-a-dia na comunidade. O “território” se amplia e as casas podem se posicionar confortavelmente no espaço. As casas que precisavam ficar isoladas ou mais afastadas do centro da comunidade retomam seu lugar junto aos demais.

*Quando está cheio é bom porque fica todo mundo fica assim ó: você olha as casas estão um pouco longe da outra; a gente fica assim sem problema. É um tempo em que você fica assim tipo ‘tranquilão’. [...] tem essa vantagem (M1).*

A cheia do rio permite que os moradores se desloquem com mais facilidade dentro e fora da comunidade, para trabalhar, estudar, e cuidar da saúde. Os moradores usam a água para atividades de higiene, embora ainda precisem pegar água fora, no Rio Negro ou na CEASA, para beber e cozinhar. As atividades laborais também se modificam. Muitos que trabalham na agricultura na seca desenvolvem outras atividades por conta da enchente, como a pesca e outros.

*A cheia é bom por isso: eu encosto na minha porta, já pulo no barquinho e vou pra onde eu quiser. E quando tá muito seco tem essa dificuldade: rema até ali, encosta lá, anda um pouquinho por terra pra pegar outro barco pra ir (M1).*

*Quanto ao trabalho, no inverno, tem muita coisa pra você fazer. Por exemplo: Você forma uma equipe pra ir pescar, porque tem muita água, tem muito peixe [...] E também tem muita gente que tem outras atividades, trabalhar com a madeira [...] Com muita água pode serrar pra ali e todo mundo vai trabalhar (M2).*

Embora a cheia represente um período vantajoso em muitos aspectos, as casas-flutuantes ficam mais expostas aos eventos climáticos e aos banzeiros, que são ondulações no rio produzidas por ventania ou por embarcações grandes e pesadas que passam nas proximidades.

*Tem o outro lado com a cheia que nos afeta: os temporais, os banzeiros, dá muito forte. O que acaba a casa da gente flutuante é banzeiro, o impacto das lanchas, o impacto dos navios, sofremos muito com os navios que passam aí fora, muito. Os navios passam aí na frente, aí vêm aquelas ondas enormes, aí o flutuante fica indo e vindo, então já começa a vazar água, rasga o alumínio. [...] Tem vantagens mas também tem as dificuldades (M1).*



Ao perscrutar os moradores sobre viver sobre as águas, estes definem como um modo de vida agradável, do qual não pretendem desfazer-se, embora alguns sintam saudade de “viver na terra”.

*Graças a Deus que esse lugar e uma benção (M1).*

*Aqui é bom de morar, meu Deus do céu! Aqui ninguém dá satisfação a ninguém (M2).*

*É ótimo. Aqui é tranquilo, eu gosto daqui. Mas é aquela coisa a gente tem saudade de andar em terra, varrer um terreiro, [...] ir na casa dum vizinho “. Eu só vou se tiver canoa pra ir, porque se não tiver canoa como é que eu vou? Nadar daqui pro vizinho eu vou chegar lá molhada, não tenho fôlego pra isso (M3).*

O estilo de vida dos moradores do Catalão pode ser considerado único, tendo em vista os percursos impostos pelas águas. Os conhecimentos e habilidades desenvolvidos são passados de pai para filhos, tornando “natural” seu cotidiano junto ao rio. Alguns podem questionar a opção de viver nestes lugares peculiares. Entretanto, o que determina o lugar em que se vive não são questões pragmáticas ou critérios definidos pela vigilância ambiental ou defesa civil. Escolher habitar este território envolve questões familiares, religiosas ou tradição. Muitos estão satisfeitos de permanecer nestes lugares que lhes foi repassado foram repassados por seus pais ou avós (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016; FRAXE, 2000).

### 4.3 Redes Vivas no território: interações familiares e sociais

#### *Vida Social sobre as Águas*



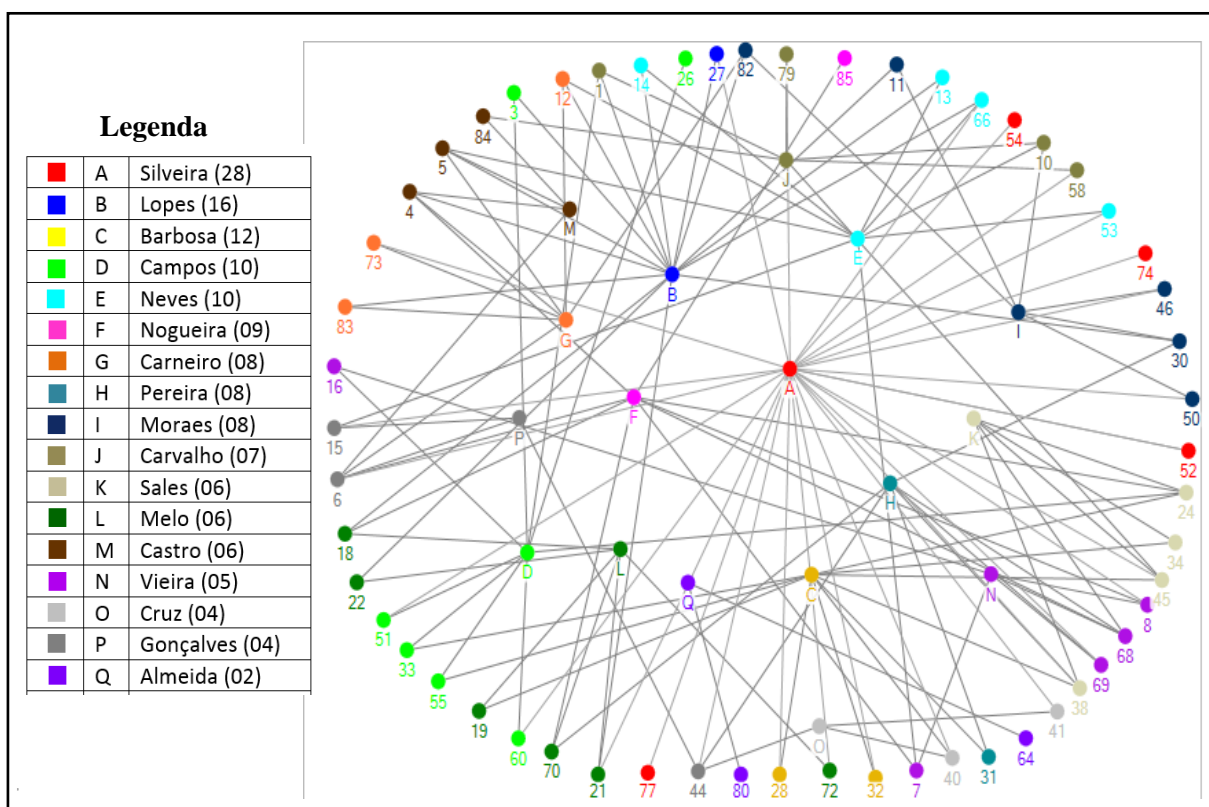
Schweickardt, 2017

Nesta pesquisa foi possível verificar as diversas redes vivas formadas pelos moradores do Catalão neste território líquido existencial. Consideramos importante conhecer e compreender as inúmeras conexões produzidas pelos moradores em seu cotidiano. Estas informações tornaram possível obtermos uma visão ampliada deste modo de vida característico, e compreender as interações sociais presentes entre os comunitários. Apresentaremos as redes de relações familiares e sociais, envolvendo relações de trabalho, religiosas e escolares.

Identificamos na comunidade 67 famílias pertencentes a 17 grupos familiares. Os moradores são na maioria do sexo masculino (54,6%), com idades que variam entre menor de 01 ano a 84 anos. As famílias foram se estabelecendo na comunidade e novas famílias foram sendo formadas entre os moradores, fazendo com que a maioria tenha algum grau de parentesco.

Na figura 7 apresentamos a rede de relações de parentesco entre os comunitários, e os principais grupos familiares. Os grupos familiares são identificados por letras no centro do grafo e cada número representa um núcleo familiar. Na legenda, cada cor refere-se ao grupo familiar que recebeu um sobrenome fictício, e o número entre parênteses informa quantas núcleos familiares pertencem ao referido grupo.

O grafo apresentado demonstra as interações de parentesco existentes na comunidade, sendo a família do grupo A a mais representativa, pois estabelece conexão com 28 núcleos familiares, que por sua vez estão associados a diversos outros grupos familiares. Na tabela 1, informamos que núcleos familiares compõem os grupos de parentesco.



**Figura 7** – Representação gráfica das relações de parentesco por núcleos familiares. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.

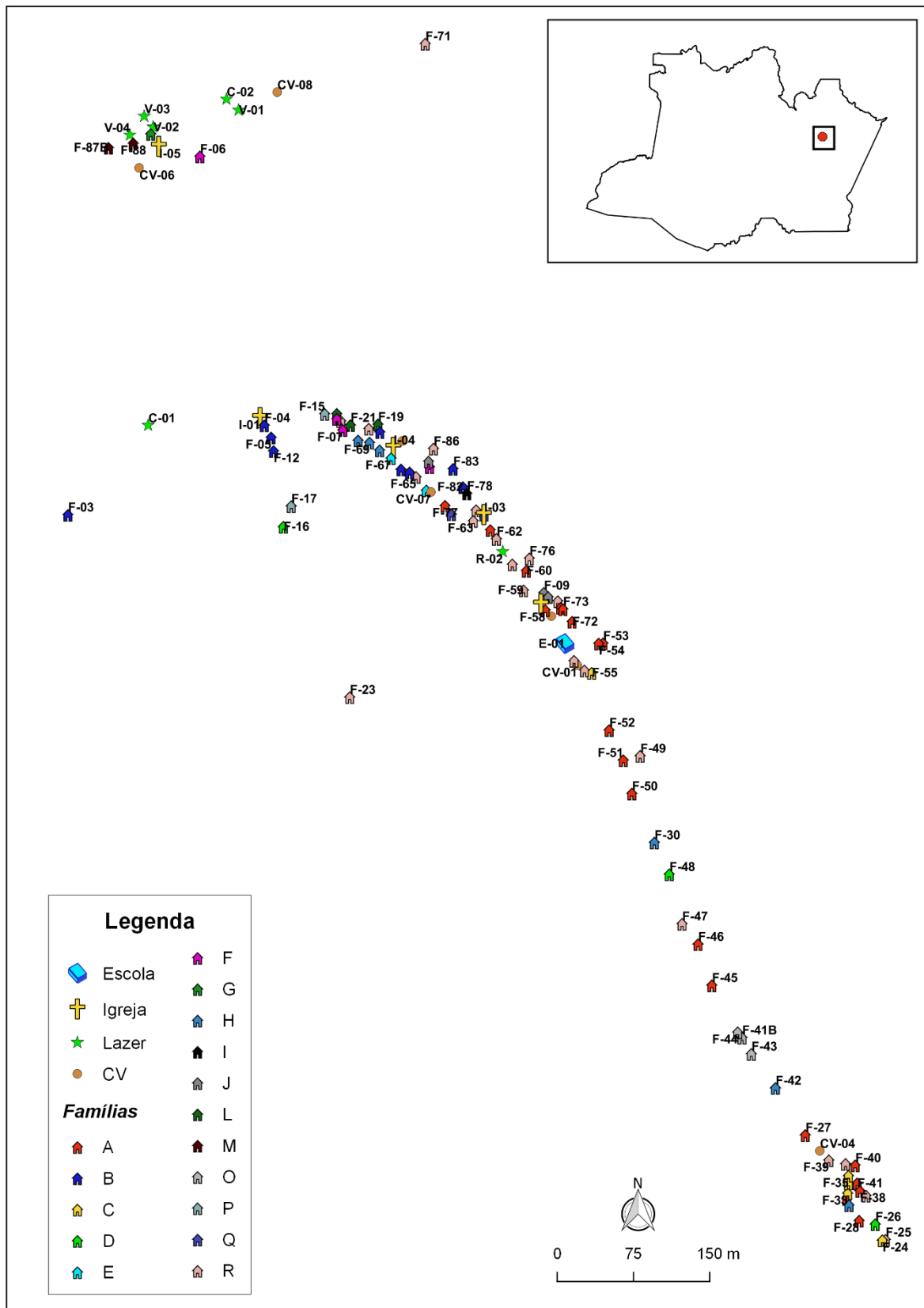
Fica evidente que a comunidade do Catalão é formada basicamente por pessoas com laços de parentesco formando as redes de interações sociais que se fazem no dia-a-dia da comunidade. Apesar dos diferentes conceitos de “família” tratado na literatura, o Catalão enquadra-se em uma das definições discutidas por Duarte (1994) em que o sentido de família tem a ver com a participação em atividades rotineiras e redes de ajuda mútua.

De acordo com Franco e Costa (2012) a família não é uma “instituição, mas uma rede de relações cuja relevância dos membros se constrói na relação entre as pessoas, marcada por direitos e obrigações.” As famílias constituem o elemento psíquico estruturante de seus membros como fonte de cuidado, propiciando relações e vínculos que se complexificam enquanto redes sociais. De forma que os grupos familiares presentes na comunidade podem ser considerados elos que fortalecem esta malha de ligações, tornando os comunitários interdependentes e até essenciais para a existência e continuidade da comunidade.

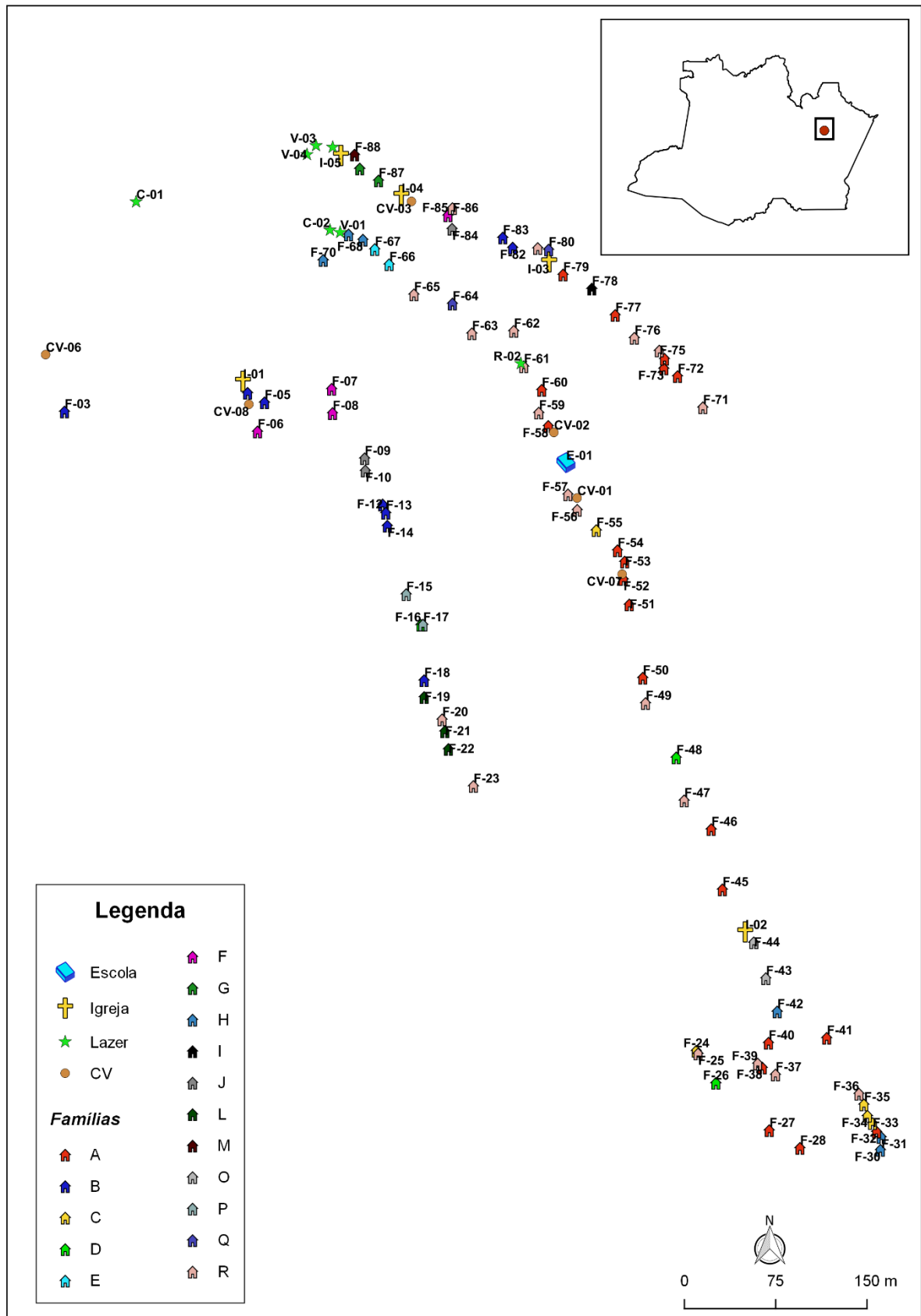
**Tabela 1:** Grupos familiares e respectivos núcleos de famílias.

<b>Grupo Familiar</b>		<b>Núcleos Familiares</b>
<b>A</b>	Silveira	6, 8, 15, 21, 27, 28, 32, 38, 40, 41, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 60, 66, 69, 72, 73, 74, 77, 79
<b>B</b>	Lopes	1, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 18, 21, 22, 27, 30, 66, 82, 83
<b>C</b>	Barbosa	19, 24, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 45, 55
<b>D</b>	Campos	1, 3, 16, 24, 26, 33, 48, 51, 55, 60
<b>E</b>	Neves	5, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 53, 66, 67
<b>F</b>	Nogueira	4, 6, 7, 8, 18, 24, 68, 70, 85
<b>G</b>	Carneiro	4, 5, 6, 12, 73, 82, 83, 87
<b>H</b>	Pereira	30, 31, 38, 42, 44, 68, 69, 70
<b>I</b>	Moraes	10, 11, 30, 46, 50, 67, 78, 82
<b>J</b>	Carvalho	1, 9, 10, 45, 58, 79, 84
<b>K</b>	Sales	24, 34, 35, 38, 45, 68
<b>L</b>	Melo	18, 19, 21, 22, 70, 72
<b>M</b>	Castro	4, 5, 6, 84, 87, 88
<b>N</b>	Vieira	7, 8, 16, 68, 69
<b>O</b>	Cruz	40, 41, 43, 44
<b>P</b>	Gonçalves	6, 15, 17, 44
<b>Q</b>	Almeida	64, 80

Fonte: PORTELA, 2017.



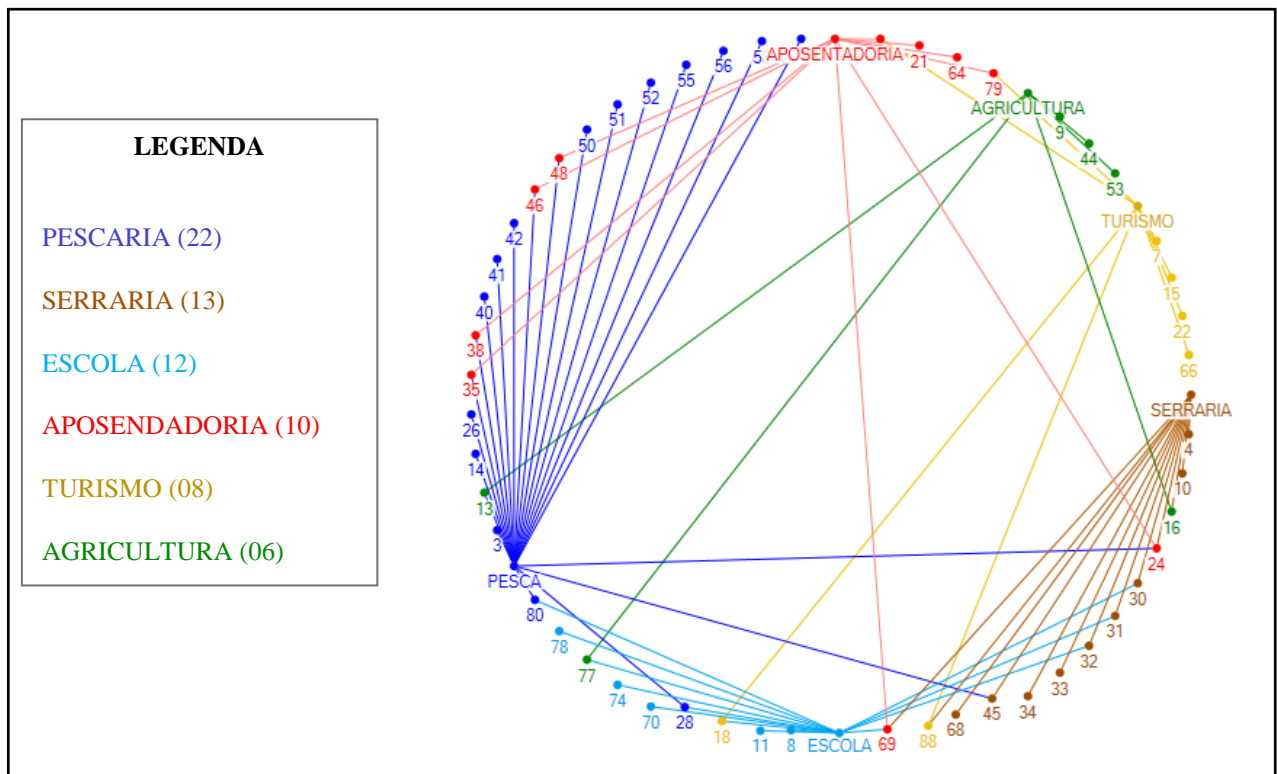
**Figura 8** – Organização das Famílias do Catalão no período da Seca. Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017.



**Figura 9** - Organização das Famílias do Catalão no período da Cheia. Elaborado por: Núcleo de Apoio e Pesquisa ILMD / FIOCRUZ, 2017..

Dentro do território, as famílias organizam-se, geralmente, formando grupos de familiares com relação de parentesco próxima. Mas esta organização varia de acordo com o período de cheia ou seca dos rios. Nas figuras 8 e 9 apresentamos um mapa com esta organização nos dois períodos, e nos quais podemos visualizar essa proximidade das famílias, que são identificadas pelas cores atribuídas aos grupos. Cabe ressaltar que um mesmo núcleo familiar pode pertencer a diversos grupos, e, portanto, é importante correlacionar as relações de parentesco para perceber esta organização.

As relações de parentesco são apenas um ponto nessa rede de interações entre os moradores do Catalão, pois em seu cotidiano, desenvolvem diversas outras atividades que representam os vínculos existentes entre os moradores, como é o caso das atividades laborais. Identificamos várias formas de trabalhos desenvolvidas pelos moradores do Catalão, tais como agricultura, pesca, turismo, serraria, e atividades na escola local. Muitos moradores trabalham em parceria ou fazem parte de cooperativas em Manaus, Iranduba ou na própria comunidade. A figura 10 representa a rede de relações entre as famílias e as diferentes atividades laborais exercidas pelos comunitários. Cada cor representa um grupo de trabalho e os números representam as famílias envolvidas nesta atividade. Podemos perceber que em uma mesma residência há moradores que atuam em diferentes ramos de trabalho.



**Figura 10** – Representação gráfica da rede de trabalhos dos moradores do Catalão. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.

A pesca é uma atividade presente na rotina de várias famílias do Catalão. Dez famílias afirmaram fazer parte da Colônia de Pescadores do Iranduba, outros dizem pescar por conta própria ou são associados à Manaus ou Careiro da Várzea. Era de se esperar que, por viverem sobre as águas, esta fosse uma prática bem presente entre os moradores como meio de subsistência e sustento da família. Presenciamos até mesmo algumas crianças e jovens pescando com varas da própria casa.

As variações fluviais afetam esta atividade, pois, segundo os moradores, quando o rio está muito cheio, os pescadores precisam distanciar-se um pouco mais para encontrar os peixes. A medida que o rio seca e os peixes ficam presos em pequenos lagos que se formam, é mais fácil pescar, no entanto, ocorre o fenômeno em que os peixes morrem por falta de oxigênio, e isso causa prejuízos a quem depende da pesca como meio de subsistência.

Os pescadores cooperados precisam respeitar o período do “defeso”, época em que a atividade de pesca é proibida por conta da reprodução dos peixes, ocasião do período da desova, ocorrendo geralmente durante a enchente. Os pescadores associados recebem um benefício monetário do governo a fim de compensar a suspensão obrigatória da atividade pesqueira (SANTOS E SANTOS, 2005).

Outra atividade bem importante está relacionada à serraria, com a construção de flutuantes e o uso de madeira pescada. A madeira pescada é um termo que se refere a uma atividade destinada ao reaproveitamento de árvores mortas e caídas por causas naturais que ficam a deriva nos rios e igarapés, podendo ser usada livremente (ALE, 2015). Assim, a atividade de serraria com madeira pescada é usada na construção de suas próprias casas ou sob encomenda.

A “cidade flutuante”, como os moradores denominam a sua comunidade, atrai muitos turistas e curiosos para conhecer esse modo de vida. Neste caso, alguns moradores prepararam atrações para receber os visitantes e gerar renda. Dentre as atividades disponíveis estão os viveiros com pirarucu, no qual o turista usa uma vara de pescar com isca para atrair a atenção deste peixe. Outra atividade econômica é venda de artesanatos, restaurantes e lugar para tomar banho no rio. Outros moradores usam suas lanchas e fazem passeios com pessoas que vem de Manaus e querem conhecer a comunidade.

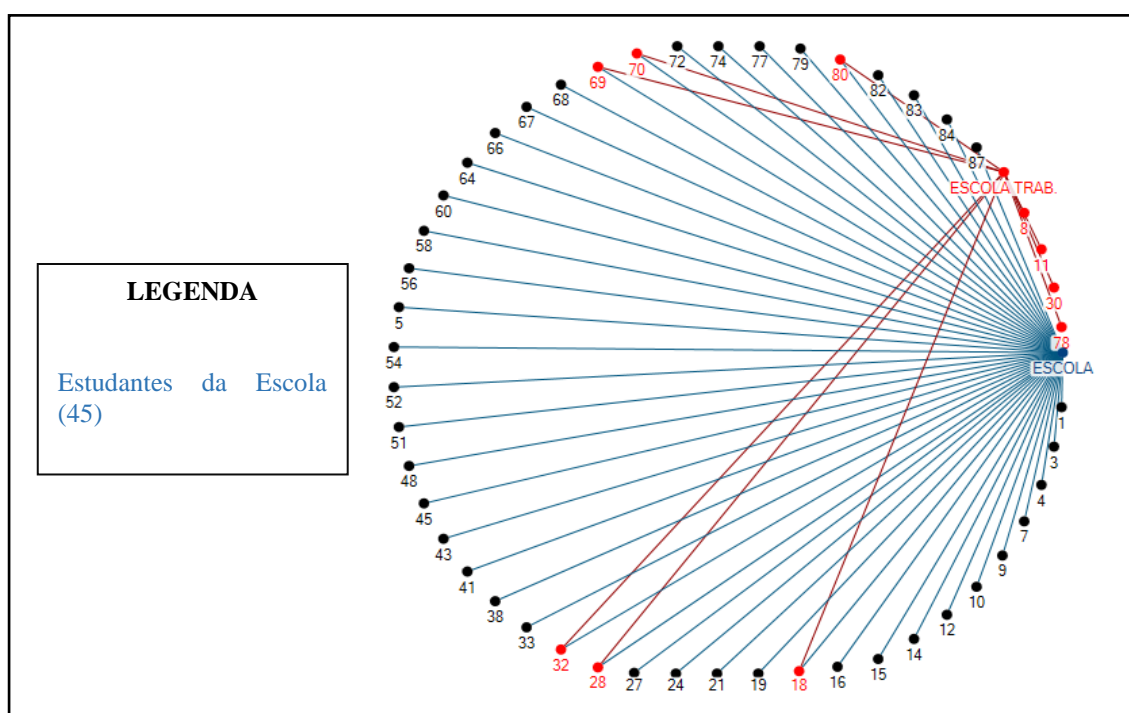
Com relação à agricultura, no período da seca algumas famílias se unem e plantam em uma faixa de terra que aparece nas proximidades quando o rio baixa. O período da



colheita geralmente coincide com a enchente dos rios, de forma que precisam esperar que a chegada da seca para realizar novamente o plantio. Esta atividade ainda está se fortalecendo, e a cada período mais moradores se juntam aos que trabalham na agricultura. Achemos interessante mencionar, ainda, que algumas famílias dependem financeiramente de aposentadoria por idade ou por invalidez. Entretanto, em diversas destas famílias a renda é complementada por atividades como a pesca, serraria e escola.

A comunidade possui, desde 1989, uma escola municipal sob gestão da prefeitura do Iranduba. Funciona nos três turnos e disponibilizam tanto aos moradores locais quanto de comunidades vizinhas ensino que vai do fundamental ao médio completo. Tem um transporte cedido e abastecido pelo município que conduz os alunos para as aulas e de volta para casa. Vários moradores da comunidade trabalham na escola, como professores, motorista do transporte escolar, secretário, serviços gerais, vigias e outros.

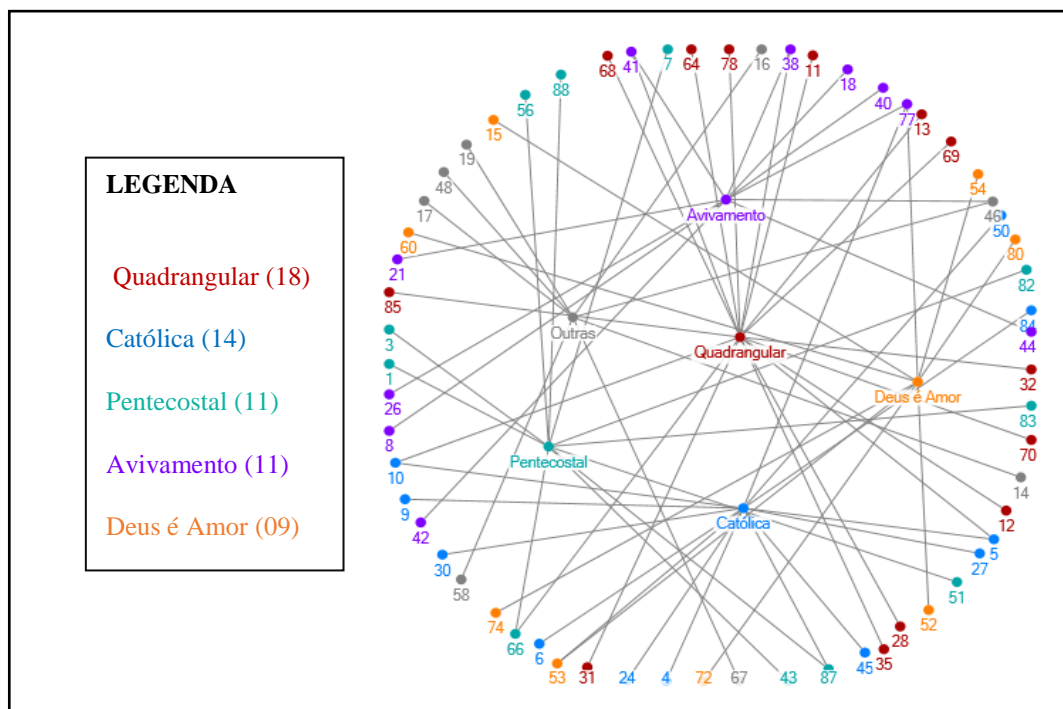
Atualmente, 45 famílias têm membros que frequentam a escola da comunidade. As atividades da escola são desempenhadas de acordo com o ciclo das águas. Quando o rio começa a ficar muito seco, os alunos têm dificuldades para se dirigirem até a escola, visto que a lancha não consegue chegar a certos lugares. Assim, os professores programam as aulas de forma que possam encerrar antes de o rio secar demais. A figura 11 mostra as famílias com membros estudam e trabalham na escola da comunidade.



**Figura 11**– Representação gráfica das famílias com membros que estudam e trabalham na escola da comunidade. Fonte e org.: PORTELA, 2017.

Percebemos que a escola é um importante ponto de encontro da vida social da comunidade. Além das aulas, as reuniões dos comunitários acontecem neste local, além de atividades promovidas por grupos externos como atendimento de saúde, gincanas ecológicas e outros. Instituições de ensino superior, tanto públicas quanto particulares, estão sempre presentes na comunidade realizando atividades voltadas à saúde ou de cunho social, e estas atividades são concentradas na escola.

Referente à religiosidade, há um predomínio de igrejas evangélicas na comunidade, sendo a mais antiga a igreja Quadrangular. Em nossa pesquisa, identificamos cinco igrejas-flutuante: Igreja Católica de São Sebastião, Pentecostal Avivada por Deus (IDE), Deus é Amor, Quadrangular e Pentecostal. Porém, ao perguntar dos moradores a religião a que pertenciam, informaram, além das já citadas, Assembleia de Deus, P.M para Nações, Igreja da Graça, Cristã do Brasil e igreja Missionária. Foi possível perceber que muitos frequentam as igrejas que ficam mais próxima a sua casa, ou grupos familiares que vão para a mesma igreja. Os moradores relataram que são convidados a frequentar as igrejas uns dos outros e não há conflitos por pertencerem a diferentes denominações. A figura 12 ilustra as redes de relações religiosas existentes no Catalão. Correlacionamos as famílias que frequentam as igrejas existentes na comunidade. “Outras” refere-se às famílias que se consideram pertencentes a denominações religiosas de fora do Catalão.



**Figura 12** – Representação gráfica das redes de relações religiosas da comunidade. Fonte e Org.: PORTELA, 2017.

A questão religiosa interfere nas formas de lazer da comunidade. Não são comuns festas dançantes e com bebidas, embora já tenham acontecido em outro momento. O entretenimento mais comum é jogar bola, tomar banho no rio e fazer festa nas igrejas. Também neste sentido precisam adaptar-se às águas. Nos períodos em que o rio está cheio, usam quadras-flutuante para jogar bola e tomar banho no rio. Quando está seco, jogam bola no “campo” que aparece neste período. Também juntam-se a outras comunidades em pequenos campeonatos de futebol.

*Quando está seco a diversão daqui é a bola. As crianças e os homens gostam de jogar é a bola, (festas) não tem não, só as igrejas. Graças a Deus que também não tem aquele forró, aquelas coisas (M3).*

*O maior divertimento da garotada, e de todo mundo (jovens, senhoras, velhos), é o futebol. Esse é o primeiro divertimento da nossa comunidade [...] Alguma festinha que tem é de aniversário. Festa também da igreja. Os evangélicos e todas as igrejas festejam o aniversário da igreja (M2).*

As redes sociais possuem conexões de modo variado, podendo constituir em uma rede de malha estreita, no qual existem muitas relações entre as unidades que a compõem e pessoas interagindo entre si, ajudando-se mutuamente, seguindo normas estabelecidas consensualmente e exercendo pressão informal sobre outros; ou de malha frouxa, na qual há poucos relacionamentos na rede, com mais variações de normas e ajuda mútua menos consistente (BUDÓ *et al.*, 2010). No caso do Catalão, fica evidente que a rede de conexões dos moradores é consistente com uma “malha estreita”, pois as diversas interações se estendem para além dos laços de parentesco, e as vidas perpassam umas pelas outras resultando nestas redes vivas e existenciais descritas acima.

Portanto, as redes vivas formadas pelos residentes do Catalão evidenciam uma rotina comum a outras comunidades, onde trabalham, estudam, se divertem, vão a igreja e cuidam de atividades diversas. Entretanto, a diferença consiste em que suas redes são conduzidas pelos movimentos produzidos pelos rios durante todo o ano. Estas redes devem ser alvo de atenção pois interferem também no que se refere à saúde, já que o apoio social pode contribuir positivamente para a saúde das pessoas, uma vez que os moradores atuam como mediadores da saúde “permitindo a prevenção por meio da solidariedade e auxílio mútuo, sobretudo nas situações de saúde doença, as quais comumente ampliam a configuração familiar” (BUDÓ *et al.*, 2010. p. 756).

#### 4.4 Redes Vivas de Saúde e produção do cuidado

*Cuidando de Si*



Schweickardt, 2017

As informações discutidas até o momento corroboram que o Catalão possui características peculiares que nos conduzem à reflexão sobre como ocorre a produção de cuidado no que diz respeito à saúde. A comunidade está vinculada a uma equipe de Estratégia Saúde da Família (ESF) do município de Iranduba. A equipe é composta por um enfermeiro, um técnico de enfermagem, um médico do Programa Mais Médicos, um cirurgião dentista, um auxiliar de saúde bucal e onze agentes comunitários de saúde (ACS). Realizam atendimento em oito (8) comunidades ribeirinhas do Solimões II duas vezes na semana, com uma programação que visa atender cada comunidade uma vez ao mês. Suas atividades giram em torno dos programas instituídos pelo Ministério da Saúde voltados para hipertensos e diabéticos, gestantes, crescimento e desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos, saúde da mulher, dentre outros.

O Catalão possui 18 hipertensos, 9 diabéticos, 2 grávidas, 32 crianças de 0 a 5 anos e um deficiente físico, e as doenças mais frequentes relatadas são viroses, diarreia em

consequência da cheia e vazante do rio e doenças não-infecciosas como hipertensão, dermatoses e doenças reumáticas. Em caso de problemas de saúde, os comunitários são orientados pela equipe a buscar atendimento na UBS Lourenço Borghi, na sede do município de Iranduba, que é o local onde os profissionais ficam quando não estão em atendimento nas comunidades.

Na comunidade, a equipe realiza consultas de rotina e fazem a verificação de pressão arterial, glicemia capilar, peso, prescrição de medicamentos e requisição para a realização de exames, seguindo o padrão estabelecido pelo Ministério da Saúde. Ações de prevenção e promoção a saúde como outubro rosa, novembro azul, campanhas de vacinação, dia do combate ao diabetes e educação em saúde são realizadas pelos profissionais mensalmente, geralmente na UBS Lourenço Borghi e os moradores são convidados a participar destas atividades na unidade.

Ao entrevistarmos um profissional de saúde da equipe, observamos um discurso contraditório, pois, ao mesmo tempo, que o profissional assegura “sempre” buscar soluções para o desenvolvimento do trabalho, mostrando resolutividade e atenção à saúde de acordo com as necessidades individuais, afirma que “já havia algum tempo que a equipe não estava indo ao Catalão” devido às dificuldades de acesso a comunidade:

*A equipe juntamente com a secretaria de saúde do município de Iranduba não mede esforços para levar os atendimentos aos comunitários, apesar de ser a comunidade mais distante de Iranduba que a equipe atende, sempre buscamos soluções para desenvolvermos nosso trabalho intervindo na promoção a saúde de cada indivíduo de acordo com suas necessidades, onde a principal porta de comunicação seria a agente comunitária de saúde que reside na área [...] Dificuldade de acesso para chegar na Comunidade por falta de transporte, pois as lanchas que tínhamos foram furtadas e com elas dava para realizar os atendimentos mensalmente, sendo assim, já fazia alguns meses que a equipe não estava indo, mais quando foi essa semana conseguimos um transporte e já vamos retornar. Outra dificuldade é a falta de um local apropriado para o atendimento, pois os mesmos são realizados na escola (PII).*

Ainda, o sujeito PII mobiliza o interdiscurso (já-dito) presente na literatura de que o ACS é o elo entre os serviços de saúde e a comunidade (CARDOSO E NASCIMENTO, 2010) para reafirmar a assistência prestada pela ESF de Iranduba à comunidade. Contudo, ao entrevistarmos o Morador (M1), percebemos uma incoerência:

*Ela nunca foi uma agente presente, ela nunca fez uma reunião pra falar do trabalho dela, ela nunca visitou a escola pra dar uma palestra de advertência de orientação, ela não tem visitas [...] Uma vez por mês [...] essa equipe vem de Iranduba. Às vezes que é de mês em mês, mas o normal é 2 meses, 3 meses. E agora, como houve um problema lá no barco deles, já tá com 7 meses que não apareceu mais ninguém. Isso quer dizer que a cada dia mais a situação fica mais difícil (M1).*

O discurso da moradora fala da ausência do ACS na comunidade, bem como, a ausência de assistência de saúde no município em um período de 7 meses. Nesse caso, identificamos uma incongruência com a política nacional de atenção básica que define o papel do ACS na comunidade, atuando para prevenção de doenças e promoção da saúde, possibilitando que as necessidades da população cheguem a equipe, bem como transmitindo as informações de saúde aos moradores de sua microárea (COSTA, 2013). Nesse sentido, a comunidade necessita recorrer a outras estratégias para ter o acesso aos serviços, conforme verbalizado nos seguintes discursos:

*Tudo é Manaus. Todos dão um jeito de atravessar o rio. Quando é emergência, um acidente, ou uma pessoa passando mal, corre, já vai ligando pra pedir um carro pra levar pros prontos-socorros. E os exames, tem que acordar de madrugada, tem que atravessar o rio de madrugada, pra tentar uma consulta, tentar marcação de exame (M1).*

*A dificuldade de transporte, porque aqui não temos um posto de saúde. [...] eu, por exemplo, sou doente do coração e me trato três vezes por mês. Então nós não temos um transporte pra ir meia noite, duas horas da madrugada, cinco horas da manhã, que é perigoso de atravessar e os ladrões jogar a gente n'água, aí não chega nem no hospital (M2).*

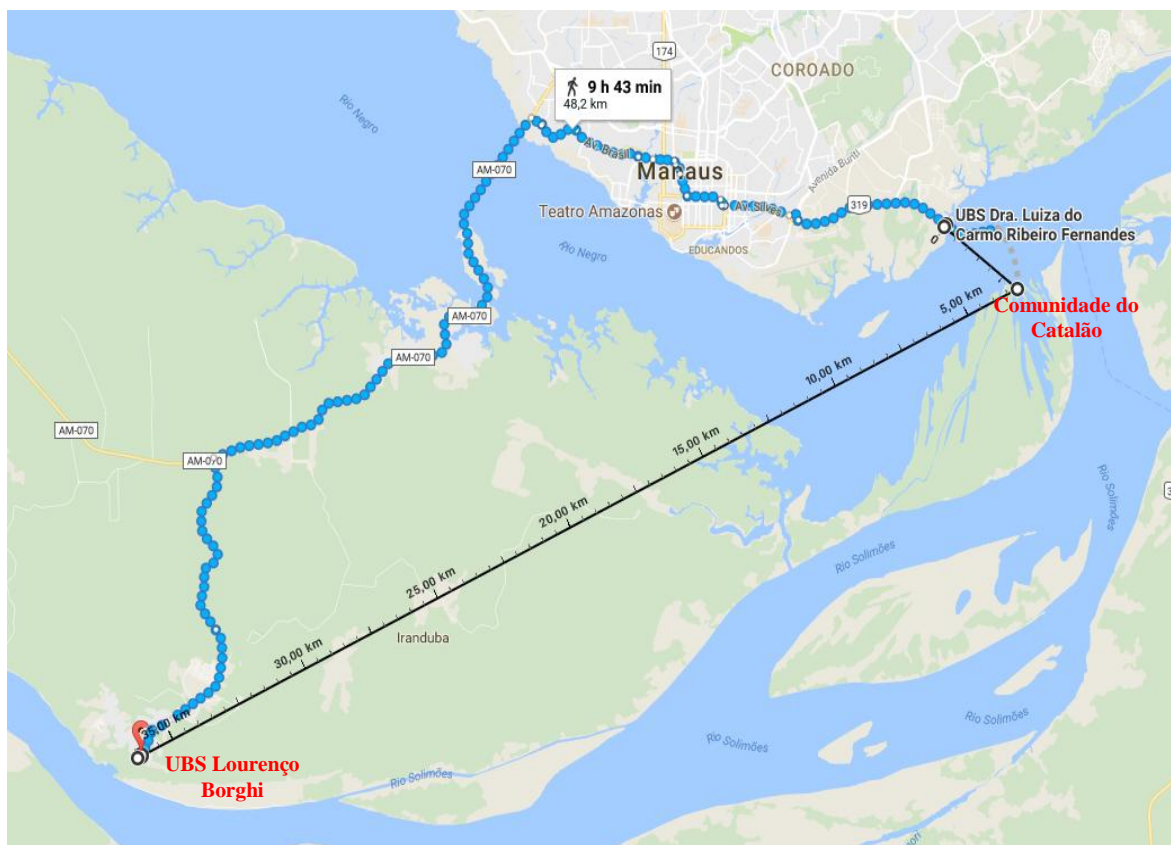
*Quando a minha nora estava gestante e foi ter nenê era um mês de dezembro. Ela foi duas vezes (para Manaus), ia com dor daqui pra lá andando (até pegar o barco para atravessar o rio). E na seca fica mais difícil pra nós (M3).*

Estes discursos revelam que o deslocamento até a capital para buscar atendimento é uma das barreiras enfrentadas pelos moradores da comunidade, pois dependem do meio de transporte fluvial, condições climáticas favoráveis e questões relacionadas à segurança. Os períodos de seca também dificultam a situação, conforme relatado pelo sujeito M3. Esta situação evidencia a necessidade de políticas públicas de saúde que contemplem a essência do

povo ribeirinho e sejam pensadas de acordo com a realidade amazônica. (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016).

Em caso de problemas de saúde, os comunitários são orientados pela equipe a buscar atendimento na UBS Lourenço Borghi, na sede do município de Iranduba. Entretanto, conforme observamos nos dizeres dos sujeitos M1 e M2, quando os comunitários necessitam de atendimento, estes se deslocam para Manaus, seja para consulta de rotina e realização de exames, seja em casos de emergência. O local de preferência da comunidade é a UBS Dra. Luiza do Carmo Ribeiro Fernandes, localizada próximo ao Porto da CEASA, a qual nos referimos nesta pesquisa como UBS da CEASA. A figura 13 torna claro o motivo desta preferência, pois, geograficamente, é a unidade mais próxima e acessível aos moradores.

*O nosso ponto é o Porto da CEASA. Lá tem um posto de saúde. [...] Há mais de 30 anos, desde quando eles construíram o posto lá, sempre nos atenderam com o maior carinho, com a maior atenção (M1).*



**Figura 13** – Distância entre a comunidade do Catalão e as UBS da CEASA e Lourenço Borghi. Fonte: Google Earth, 2017.



A distância em linha reta entre o Catalão e a UBS Lourenço Borghi no Iranduba é cerca de 33 km e até a UBS da CEASA de 3 km, aproximadamente. O percurso para se chegar ao Iranduba é ilustrado na figura com os pontos em azul, no qual a pessoa teria que percorrer 48 km, indo por Manaus. Uma rota alternativa seria pelo rio, mas a depender do período, o percurso seria de mais de 40 km em transporte fluvial até a unidade. Assim, os comunitários optam por buscar atendimento na UBS da CEASA. Se os moradores do Catalão enfrentam dificuldades para deslocar-se até o outro lado do rio em busca de assistência à saúde, torna-se quase inviável recorrerem ao Iranduba, principalmente em condições enfermas.

De acordo com dados do Cadastro de Estabelecimentos de Saúde (CNES), a UBS da CEASA possui 26 profissionais, ofertando serviços de clínica médica, pediatria, ginecologia e obstetrícia, odontológico, de enfermagem, serviço social, de laboratório, sala de vacina, curativo, dispensação de medicamentos básicos e cuidados baseados nos programas do Ministério da Saúde. Possui uma Estratégia de Saúde da Família vinculada.

A Unidade tem como área adscrita para atendimento as imediações do bairro Mauazinho. A UBS da CEASA organiza seu atendimento a demanda espontânea por meio de agendamento de consultas para os profissionais de nível superior que atuam na unidade. Além da proximidade com o Porto da CEASA, que é via de acesso de vários municípios e comunidades ribeirinhas do Rio Negro e Solimões, também tem em frente um ponto de ônibus vindo de diversas zonas de Manaus, facilitando o ingresso dos usuários neste estabelecimento.

A escolha por esta unidade pode sobrecarregar o sistema de saúde, conforme mencionado no discurso de PC1:

*Dada a facilidade de agendar consultas aqui, então a gente tanto tem uma procura via rio, como via terrestre. A gente na verdade acaba fazendo uma cobertura do SUS, Jorge Teixeira, Tancredo Neves, aquela área da zona leste. [...] Essa área de cobertura acaba sendo muito extensa, porque todo mundo que vem via rio, vem do Catalão, Costa do Catalão, Careiro da Várzea, Careiro Castanho, Autazes, Novo Airão e do Iranduba. [...] É como se fosse um problema nosso, da UBS, é um problema de um morador que, geograficamente está fora da nossa área circunscrita. Então, a gente acaba ficando com problemas de acesso à saúde complicado, porque a gente sabe que as nossas vagas pra exames, pra médicos, são pra essa população urbana. [...] passou a ser uma obrigação e não um complemento ou algo assim. E aí, a gente tem as nossas atividades cotidianas, tem*



*os nossos programas aqui a ser desenvolvidos, e a gente tem problemas pra algumas lideranças locais entenderem que foge das atribuições da UBS. [...] isso acaba prejudicando, porque a gente não consegue manter um fluxo de atendimento com qualidade, porque fica aquela coisa de apagar incêndio (PCI).*

Percebemos por meio dos discursos aqui apresentados aspectos que precisam ser repensados em um estado com características peculiares como o Amazonas, os quais precisam de mudanças e/ou adequações para que possa alcançar a universalidade, integralidade e equidade. Um desses aspectos refere-se à regionalização, que, enquanto diretriz da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), considera as regiões de saúde como “um recorte espacial estratégico para fins de planejamento, organização e gestão de redes de ações e serviços de saúde em determinada localidade” (PNAB, 2017). Esse recorte espacial leva em consideração os limites territoriais de cada município. Assim, como vimos anteriormente, a comunidade de Catalão pertence ao município de Iranduba, contudo, os comunitários recorrem ao município de Manaus para buscar assistência.

Essa situação gera dificuldades para a unidade de saúde de Manaus, pois além de atender a sua área adscrita, também atende as diversas comunidades circunvizinhas, o que nos leva a pensar que tais comunidades compartilham da mesma situação em relação a ausência de cuidados de saúde. Além disso, a sobrecarga de serviços desqualifica o cuidado a saúde tanto para população adscrita quanto para os demais que procuram atendimento (SCHRADER *et al.*, 2012; PIRES *et al.*, 2016). Por outro lado, as unidades de saúde de Manaus não têm como negar o atendimento à população ribeirinha, ainda que as mesmas estejam vinculadas às unidades dos seus municípios.

Cabe ressaltar que a PNAB, desde 2011, traz algumas especificidades relacionada ao atendimento da população ribeirinha, como a modalidade de equipes de Saúde da Família Ribeirinha (eSFR) e as equipes de Saúde da Família Fluviais (eSFF). Todavia, o Catalão não dispõe de nenhum dos dois arranjos organizacionais, o que evidencia a exclusão social dessa população.

É perceptível que os moradores do Catalão protagonizam a construção de suas próprias redes de cuidados, com diferentes conexões. Assim sendo, conforme expresso por Merhy (2014),

O território tomado como produção de agenciamentos, majoritariamente desconhecido pelas equipes de saúde, instaura uma rede rizomática não linear, que não se apresenta capturada em um território único, em um espaço geográfico definido. Como um nômade, o usuário produz e protagoniza, de forma singular, os acontecimentos, no seu processo de cuidado. Nômade na produção de sua vida e, por isso mesmo, capaz de circular em territórios muitas vezes imperceptíveis para as equipes de saúde, construindo múltiplas conexões na vida (MERHY, 2014. p, 34).

O autor destaca a importância de as equipes de saúde a ultrapassarem os muros dos serviços de saúde e vivenciar a realidade destes usuários e se deixarem afetar por estas redes, já que o indivíduo é o ator principal na produção do cuidado de si e da família, de forma a pensar em melhores estratégias para enfrentamento das diversas situações presentes na vida destes.

Nesse sentido, observamos ainda a necessidade da regionalização ser implementada de acordo com o contexto socioeconômico, político, cultural e ambiental que permeia cada local, ultrapassando o conceito de território simplesmente como uma divisão baseada em parâmetros geográficos, de forma a promover igualdade de acesso aos serviços de saúde e equidade social. De fato, considerar a dinamicidade e complexidade presente no território amazônico requer pensar em estratégias diferenciadas das políticas públicas de saúde que não ignorem as nuances e rugosidades presentes neste lugar (SCHWEICKARDT *et al.*, 2016)

## 5 NO BANZEIRO DAS ÁGUAS: UMA CONCLUSÃO EM MOVIMENTO

*O Movimento*



Schweickardt, 2017

Este estudo nos permitiu submergir na realidade desta comunidade que vive sobre as águas. Longe de se tratar de um território fixo, estático e imutável, o Catalão vivencia diariamente as mudanças impostas pelo ciclo das águas, no qual os moradores literalmente seguem o fluxo dos rios e adaptam sua rotina aos movimentos constantes de seu território líquido.

Os períodos de seca afetam praticamente todos os aspectos da vida dos comunitários, trazendo dificuldades relacionadas aos espaços para acomodação dos flutuantes, de transporte e locomoção, quanto ao uso da água para suas necessidades diárias, atividades das escolas, laborais e também à saúde. Contudo, é nesta época que os moradores trabalham na agricultura, ficam abrigados dos temporais e banzeiros e aproveitam a terra para o lazer. Os períodos de cheia, por sua vez, trazem uma nova conformação ao território, com os flutuantes

confortavelmente acomodados como convém às famílias, facilitando o transporte, o uso da água, as atividades da escola, igreja e outras.

A comunidade do Catalão, entre diversos territórios existenciais, é um lugar onde os indivíduos atuam e se produzem como redes vivas, pois cada indivíduo e/ou grupo carrega dentro de si infinitas possibilidades de vivências e que na maioria das vezes não são consideradas pelas políticas de saúde. As redes existentes perpassam umas pelas outras formando uma malha estreita na qual os moradores desenvolvem suas atividades cotidianas, como relações sociais, laborais, espirituais e de lazer, compondo vínculos afetivos que vão se estabelecendo e se fortalecendo, tornando-os interdependentes em sua existência.

Estas redes vivas se expandem para além da comunidade, o que fica evidente no que se refere à saúde. A comunidade está vinculada a uma ESF do município de Iranduba e fica na dependência de receber a visita da equipe quando convém a estes profissionais. Também são orientados a buscar atendimento na UBS Lourenço Borghi em Iranduba quando necessitam de atendimento, entretanto, a distância e os obstáculos geográficos tornam essa tarefa quase impossível para a população.

Neste ínterim, identificamos um ponto na rede que tem prestado assistência aos moradores há mais de 30 anos, por ser a mais próxima do Catalão, a UBS da CEASA. Todavia, estes profissionais deparam-se com outros desafios, pois é a unidade de preferência de outras comunidades ribeirinhas que buscam atendimento, o que sobrecarrega o serviço e desqualifica o atendimento, tanto para os usuários da área adscrita quanto para os atendidos de fora de área, comprometendo a qualidade prevista nos princípios e diretrizes do SUS.

Destarte, no que se refere à saúde, os moradores do Catalão são atores que atuam na construção de suas próprias redes de cuidados, estabelecendo diferentes conexões que extrapolam os limites geográficos impostos. Neste percurso, deparam-se com nós na rede que precisam ser desatados, para que tenham garantido seus direitos à uma assistência de saúde com qualidade, considerando suas peculiaridades não como obstáculos, mas como características a serem respeitadas, valorizadas e levadas em conta no que diz respeito às políticas públicas. Cabe aos gestores e profissionais da saúde imbricar-se nessa rede de conexões e permitir o protagonismo dessa população na promoção a saúde, seja individual ou coletiva.

Este estudo permitiu apresentarmos apenas uma parte muito pequena dessa realidade do mundo ribeirinho e dos vários territórios líquidos que marcam a Amazônia. A comunidade do Catalão fica próxima a Manaus, então tem a seu favor a “facilidade” de contar com os serviços de saúde disponíveis na capital. No entanto, como as diversas comunidades flutuantes e ribeirinhas estão sendo acessadas e assistidas pelos serviços de saúde? Estudos semelhantes a este podem ser ampliados e com proposição de estratégias de enfrentamento destes e outros desafios vivenciados por esta população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALE, Assembleia Legislativa do Amazonas. Adjuto Afonso pede celeridade do Ipaam na liberação de “madeira pescada” no interior do Estado. Manaus, 2015. Disponível em: <<http://www.ale.am.gov.br/2015/04/29/adjuto-afonso-pede-celeridade-do-ipaam-na-libera-cao-de-madeira-pescada-no-interior-do-estado/>>. Acesso em novembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.435 de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF, 2017.

BITTENCOURT, M.M; AMADIO, S.A. Proposta para identificação rápida dos períodos hidrológicos em áreas de várzea do rio Solimões-Amazonas nas proximidades de Manaus. Acta Amaz., Manaus, v. 37, n. 2, p. 303-308, jun. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S004459672007000200019&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004459672007000200019&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 set. 2017.

BUDÓ, M.L.D., OLIVEIRA, S.G., GARCIA, R.P., SIMON, B.S., SCHIMITH, M.D., MATTIONI, F.C. Redes sociais e participação em uma comunidade referenciada a uma Unidade de Saúde da Família. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2010 dez; 31(4):753-60.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) Disponível em: <<http://cnes.datasus.gov.br/pages/estabelecimentos/ficha/-profissionais-ativos/1302602015447>> Acesso em novembro de 2017.

COELHO, R.S.; VELOSO, T.M.G.; BARROS, S.M.M. Oficinas com Usuários de Saúde Mental: a Família como Tema de Reflexão. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 37, n. 2, p. 489-499, June 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932017000200489&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932017000200489&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em novembro de 2017.

CARDOSO, A.S.; NASCIMENTO, M.C. Comunicação no Programa Saúde da Família: o agente de saúde como elo integrador entre a equipe e a comunidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1509-1520, June 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232010000700063&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232010000700063&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em novembro de 2017.

CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010407072006000400017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072006000400017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em novembro de 2017.

COSTA, S.M. et al. Agente Comunitário de Saúde: elemento nuclear das ações em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 7, p. 2147-2156, 2013.

DUARTE, L. F. D. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, I. (Org.). *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994. p. 23-41.

FRAXE, T.J.P. *Homens anfíbios: uma etnografia do campesinato das águas*. São Paulo: Annablume, 2000.

GARNELO, L.; SOUZA, A.B.L.; SILVA, C.O. Regionalização em saúde no Amazonas: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(4):1225-1234, 2017.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em abr. 2016.

\_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HEUFEMANN, N.E.C; LIMA, R.T.S; SCHWEICKARDT, J.C. A produção do cuidado em saúde num território amazônico: o ‘longe muito longe’ transformado pelas Redes Vivas. In: MERHY, E.M; et al. (orgs). *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis, 2016.

KADRI, M.R.; LIMA, R.T.S; SCHWEICKARDT, J.C. Território Líquido: A Unidade Básica de Saúde Fluvial 'Igarçu' In: *Anais do VIII Simpósio Nacional de Geografia da Saúde*, 2017, Dourados/MS, Universidade Federal da Grande Dourados, 2017. p.1053 – 1062

KADRI, M; SCHWEICKARDT, J.C. Território Líquido: A Unidade Básica de Saúde Fluvial “Igaraçu”. In: CECCIM, R.B; et al. (orgs). Intensidade na atenção básica: prospecção de experiências ‘informes’ e pesquisa-formação. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

\_\_\_\_\_. O território que corta os rios: a atenção básica no município de Barreirinha, estado do Amazonas. In: CECCIM, R.B; et al. (orgs). In-formes da Atenção Básica: aprendizados de intensidade por círculos em rede. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

LEITE, R.G.; SILVA, J.V.V; FREITAS, C.E. Abundância e distribuição das larvas de peixes no Lago Catalão e no encontro dos rios Solimões e Negro, Amazonas, Brasil. *Acta Amaz.*, Manaus, v. 36, n. 4, p. 557-562, dez. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S004459672006000400018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004459672006000400018&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 set. 2017.

LIMA, R.T.S; et al. Saúde sobre as águas: o caso da Unidade Básica de Saúde Fluvial. In: CECCIM, R.B; et al. (orgs). Intensidade na atenção básica: prospecção de experiências ‘informes’ e pesquisa-formação. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

FRANCO, A.L.S, COSTA, L.F. Família e Redes Sociais. *Saúde Coletiva* [online] 2012, 9 Disponível em:<<http://pruebarealyc.redalyc.org/articulo.oa?id=84223107002>> . Acesso em novembro de 2017.

MENDES, L. et al. Inserção ecológica no contexto de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Interamerican journal of psychology*. v. 42, n. 1, p.1-10, 2008.

MERHY, E.E. et al. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. *Divulgação Em Saúde Para Debate*, n. 52, p. 153-164. Rio de Janeiro, out. 2014. Disponível em: <<http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Divulgacao-52.pdf>> Acesso em 20 abr. 2016.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.



PASSOS, E.; BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos, E; Kastrup, V; Escóssia, L. (Orgs). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PIRES, D.E.P.; MACHADO, R.R.; SORATTO, J.; SCHERER, M.A.; GONÇALVES, A.S.R.; TRINDADE, L.L. Cargas de trabalho da enfermagem na saúde da família: implicações no acesso universal. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2016; 24:e2677. Acesso em novembro de 2017.

PORTO DE MANAUS. O coração da Amazônia. Nível do Rio Negro. 2º semestre de 2016. Disponível em:<[www.portodemanaus.com.br](http://www.portodemanaus.com.br)>. Acesso em 18 de julho de 2017.

SACK, R. 1986. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, A.L.; RIGOTTO, R.M. Território e territorialização: incorporando as relações produção, trabalho, ambiente e saúde na atenção básica à saúde. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8 n. 3, p. 387-406, nov.2010/fev. 2011. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v8n3/03.pdf>

SANTOS, G.M; SANTOS, A.C.M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. *Estud. av.*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 165-182, Aug. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142005000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142005000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em novembro de 2017.

SARAIVA, L.A.S.; CARRIERI, A.P.; SOARES, A.S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 97-126, abril. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167869712014000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167869712014000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em abril de 2016.

SCHRADER, G., *et al.* Trabalho na Unidade Básica de Saúde: implicações para a qualidade de vida dos enfermeiros. *Rev Bras Enferm*, Brasília 2012 mar-abr; 65(2): 222-8. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a04.pdf>>. Acesso em novembro de 2017.

SCHERER, E.F. O defeso e a defesa do meio ambiente. II Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade e no II Congresso da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba, São Paulo, 2004a.

\_\_\_\_\_. Mosaico terra-água: a vulnerabilidade social ribeirinha na Amazônia. In VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra. Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Afrontamento, 2004b.

SCHWEICKARDT, J.C; et al. Território na atenção básica: Abordagem da Amazônia equidistante. In: CECCIM, R.B; et al. (orgs). In-formes da Atenção Básica: aprendizados de intensidade por círculos em rede. Porto Alegre: Rede Unida, 2016.

SILVA, A.C. O território da consciência e a consciência do território. In M. SANTOS, M.A.A. SOUZA & M.L. SILVEIRA. Território, globalização e fragmentação (5a ed.). São Paulo: Annablume, 2002.

SOUZA, L.B. Cidade flutuante: uma Manaus sobre as águas. Urbana: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid Campinas (SP) v.8, n.2 [13] p.115-146, mai/ago 2016.

ZAMBRANO, C.V. Territorios Plurales, Cambio Sociopolítico y Governabilidad Cultural. Boletim Goiano de Geografia. Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos SócioAmbientais/Geografia. Edição Especial 20 anos. v.21 , n 1, jan-jul 2001.

**ANEXOS**

## ANEXO I – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP

FUNDAÇÃO DE MEDICINA  
TROPICAL "DOUTOR HEITOR  
VIEIRA DOURADO"



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O TERRITÓRIO E AS REDES DE SAÚDE NUMA COMUNIDADE FLUTUANTE NO AMAZONAS

**Pesquisador:** Júlio Cesar Schweickardt

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 64025316.1.0000.0005

**Instituição Proponente:** CENTRO DE PESQUISAS LEONIDAS E MARIA DEANE - FUNDACAO

**Patrocinador Principal:** CENTRO DE PESQUISAS LEONIDAS E MARIA DEANE - FUNDACAO OSWALDO CRUZ

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.958.713

#### Apresentação do Projeto:

A diversidade da Amazônia, tanto no aspecto geográfico e histórico quanto social e cultural, traz à tona a necessidade de se conhecer os diferentes territórios, cartografar lugares e entender a formação das redes existenciais desenvolvidas pelos residentes da região. O objetivo desta pesquisa é analisar a territorialidade e a produção de saúde na comunidade flutuante do Catalão, Iranduba – AM. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva e exploratória que contará com a participação dos moradores da comunidade. Será realizada a construção de um mapa do território para se entender a lógica da conformação das casas flutuantes nos períodos de cheia e vazante do rio atrelada às relações sociais existentes. Para se identificar as diferentes redes formadas pelos moradores, será conduzida uma entrevista que permitirá conhecer a estrutura familiar e a correlação com as diferentes

**Endereço:** Av. Pedro Teixeira, 25

**Bairro:** D. Pedro I

**CEP:** 69.040-000

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)2127-3572

**Fax:** (92)2127-3572

**E-mail:** cep@fmt.am.gov.br

FUNDAÇÃO DE MEDICINA  
TROPICAL "DOUTOR HEITOR  
VIEIRA DOURADO"



Continuação do Parecer: 1.958.713

áreas acessadas no cotidiano. A compreensão sobre o uso da rede formal de saúde terá como referência o usuário-guia a ser selecionado dentre os moradores da comunidade, no intuito de traçar um mapa de como o cuidado se produz sob a ótica do usuário.

**Objetivo da Pesquisa:**

**2.1 Geral**

Analisar a territorialidade e a produção de redes de saúde na comunidade flutuante do Catalão, Iranduba, Amazonas.

**2.2 Específicos**

1. Compreender o uso do território dos residentes da comunidade fluvial do Catalão em relação ao ciclo das águas (seca e cheia);
2. Mapear as redes de relações dos moradores da comunidade em relação à saúde e à organização social;
3. Entender o acesso e a utilização da rede formal de saúde da comunidade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos baixos, apresenta questionário abordando modo de vida dos indivíduos e suas famílias dentro da comunidade. Propõe 300 participantes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto exequível e deve contribuir ao que se propõe sobre o conhecimento do modo de vida das populações amazônicas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Anexados: TCLE, Folha de rosto e termo de anuência da comunidade.

**Recomendações:**

Pendências identificadas e atendidas.

-Corrigir TCLE deixa-lo claro a linguagem dos entrevistados.

Pendencia atendida. TCLE em linguagem mais clara ao SP

-Acrescentar que os mesmos tem direito a indenizações ressarcimento de gastos que porventura

Endereço: Av. Pedro Teixeira, 25

Bairro: D. Pedro I

CEP: 69.040-000

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)2127-3572

Fax: (92)2127-3572

E-mail: cep@fmt.am.gov.br

FUNDAÇÃO DE MEDICINA  
TROPICAL "DOUTOR HEITOR  
VIEIRA DOURADO"



Continuação do Parecer: 1.958.713

possam ocorrer em decorrência de sua participação na pesquisa.

Garantia foi incluída no TCLE

-Ajustar o cronograma.

TCLE ajustado pa início em abril 2017.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovar

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O presente projeto está APROVADO e os interessados ficam informados de apresentar a este CEP os relatórios parciais e final do estudo, conforme prevê a Resolução CNS nº 466/2012, utilizando o formulário de Roteiro para Relatório Parcial/Final de estudos clínicos Unicêntricos e Multicêntricos, proposto pela CONEP em nossa home page.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_775887.pdf	02/03/2017 13:46:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Corrigido_CEP.docx	02/03/2017 13:44:28	Júlio Cesar Schweickardt	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_CEP.pdf	09/12/2016 13:52:27	Júlio Cesar Schweickardt	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Apendices.pdf	09/12/2016 13:51:16	Júlio Cesar Schweickardt	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_AP_FINAL.docx	03/12/2016 19:37:33	Júlio Cesar Schweickardt	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Av. Pedro Teixeira, 25

Bairro: D. Pedro I

CEP: 69.040-000

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)2127-3572

Fax: (92)2127-3572

E-mail: cep@fmt.am.gov.br

FUNDAÇÃO DE MEDICINA  
TROPICAL "DOUTOR HEITOR  
VIEIRA DOURADO"



Continuação do Parecer: 1.958.713

MANAUS, 10 de Março de 2017

---

Assinado por:  
Marilaine Martins  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Pedro Teixeira, 25

**Bairro:** D. Pedro I

**CEP:** 69.040-000

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)2127-3572

**Fax:** (92)2127-3572

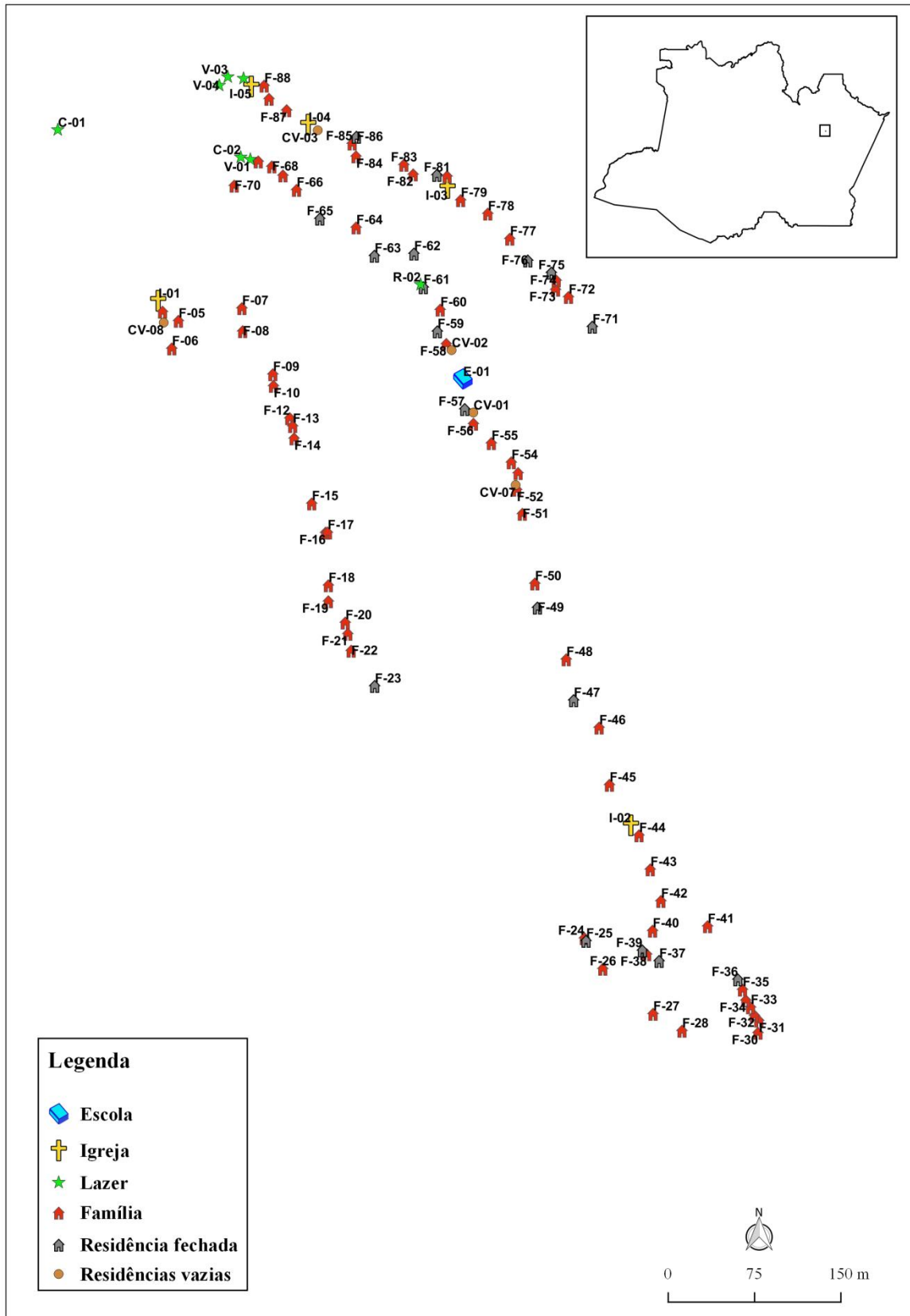
**E-mail:** oep@fmt.am.gov.br

## APÊNDICES





APÊNDICE B – Mapa do Catalão no Período da Cheia





## APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista com Moradores do Catalão

<b>O TERRITÓRIO E AS REDES DE SAÚDE NUMA COMUNIDADE FLUTUANTE NO AMAZONAS</b>	
<b>Responsável pela coleta:</b>	<b>Data:</b> /    /
<b>Nome:</b>	<b>Família N°</b>
<p><b>I. ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Há quanto tempo você mora na Comunidade do Catalão?</li> <li>2. Você pode nos contar como surgiu a Comunidade?</li> <li>3. Quais os critérios para ser morador da Comunidade?</li> <li>4. Que critérios a comunidade usa na organização das casas flutuantes?</li> <li>5. Como a vazante e cheia interferem no modo de vida da Comunidade?</li> </ol>	
<p><b>II. REDES DE RELAÇÕES FAMILIARES/SOCIAIS</b></p> <p><b>Educação</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como ocorrem as atividades da escola na comunidade?</li> <li>2. Como os períodos de cheia e vazante interferem no funcionamento da escola?</li> </ol> <p><b>Transporte</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que meios de transporte são utilizados pelos moradores?</li> <li>2. Como os moradores se locomovem dentro da comunidade?</li> <li>3. Como os moradores se locomovem para fora da comunidade?</li> <li>4. Existe alguma forma de transporte público disponível aos comunitários?</li> <li>5. Como os períodos de cheia e vazante interferem na locomoção dos moradores?</li> </ol> <p><b>Lazer</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais as formas de entretenimento na comunidade?</li> <li>2. Como os períodos de cheia e vazante interferem no lazer dos moradores?</li> </ol> <p><b>Saneamento Básico</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como os moradores utilizam a água em suas necessidades diárias? (Pegam diretamente do rio? Têm sistema hidráulico, caixa e/ou bomba d'água?)</li> <li>2. Realizam algum tipo de tratamento na água que usam para beber ou cozinhar?</li> <li>3. Como são os banheiros? Qual a destinação dos dejetos do banheiro?</li> <li>4. Como é realizado o condicionamento e a coleta de lixo?</li> <li>5. Que cuidados são realizados quanto ao meio ambiente?</li> <li>6. Como é o fornecimento de energia elétrica na comunidade?</li> <li>7. Como os períodos de cheia e vazante interfere no uso da água, no manejo do lixo e no fornecimento de energia elétrica na comunidade?</li> </ol>	
<p><b>III. REDES E SITUAÇÃO DE SAÚDE</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais os principais problemas de saúde existentes na comunidade?</li> <li>2. Que serviços de saúde estão disponíveis aos moradores?</li> <li>3. Como é o acesso à rede formal de saúde?</li> <li>4. Que tipo de ações de prevenção à doenças são realizadas na comunidade?</li> <li>5. Diante de um problema de saúde, quais os primeiros cuidados realizados pelos moradores?</li> <li>6. Como os períodos de cheia e vazante interferem na saúde dos comunitários?</li> </ol>	

**APÊNDICE E – Entrevista com Profissional da Equipe de Saúde do Iranduba – AM Responsável pela Comunidade do Catalão**

1. Descreva, de maneira geral, a composição de sua equipe de saúde e a forma como desenvolvem seu trabalho.

(Quem são os membros da equipe, incluindo ACS, que área é coberta por vocês, como é a programação de atendimento da equipe a estas áreas, com que frequência a equipe atende aos moradores, qual o papel do ACS nesse processo)

2. Descreva a comunidade do Catalão.

3. Como a equipe de saúde organiza o atendimento à comunidade do Catalão?

4. Quais os principais problemas de saúde na comunidade identificados pela equipe?

5. Que serviços de saúde estão disponíveis aos moradores?

6. Quando os moradores necessitam de atendimento por um profissional de saúde, onde eles buscam?

7. Que tipo de ações de prevenção à doenças são realizadas na comunidade? Com que frequência?

8. Que desafios a equipe enfrenta para realizar a assistência de saúde aos comunitários?

9. Como os períodos de cheia e seca interferem no atendimento aos comunitários pela equipe?

10. Gostaria de acrescentar mais alguma informação que considera importante sobre o atendimento a saúde da comunidade?

**APÊNDICE F – Entrevista com Profissional da Equipe de Saúde da UBS Dra. Luzia do Carmo Ribeiro Fernandes – CEASA**

1. Descreva, de maneira geral, a composição da equipe de saúde da UBS Dra Luiza do Carmo Ribeiro Fernandes.

- Membros da Equipe

- Área de Cobertura

2. Que tipos serviços de saúde estão disponíveis na Unidade?

3. Como a equipe de saúde organiza o atendimento na UBS aos moradores do Catalão?

4. Que desafios a equipe enfrenta para realizar a assistência de saúde aos usuários?

5. Os períodos de cheia e seca interferem no atendimento realizado na UBS?

6. Gostaria de acrescentar mais alguma informação que considera importante sobre o atendimento a saúde da comunidade?

## APÊNDICE G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado (a) senhor (a),

Gostaria de convidá-lo (a) para participar de uma pesquisa intitulada “O TERRITÓRIO E AS REDES DE SAÚDE NUMA COMUNIDADE FLUTUANTE NO AMAZONAS”. Esta pesquisa está sendo realizada por pesquisadores da FIOCRUZ/AMAZONAS. A pesquisa tem como objetivo analisar o modo de organização da comunidade e como cuidam da saúde. Sua colaboração será através de uma entrevista que trará informações sobre a assistência pela equipe de saúde a comunidade do Catalão. As informações contribuirão para compreender o cotidiano e a vida na comunidade no que se refere a saúde. A pesquisa ajudará na melhoria da política de saúde dessa e de outras comunidades semelhantes.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, tendo recebido as informações acima e ciente de meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar, considerando:

✓ A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas da entrevista, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como estar garantido o sigredo das informações por mim reveladas;

✓ A segurança de que esta pesquisa é sigilosa e que não serei identificado, assim como está assegurado que a mesma não trará prejuízo a mim e a outras pessoas;

✓ A segurança de que terei indenização e ressarcimento caso tenha alguma despesa financeira durante a pesquisa;

✓ A garantia de que todas as informações por mim fornecidas serão utilizadas apenas na construção da pesquisa e ficará sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitada por mim a todo o momento.

Uma cópia desta declaração deve ficar com o (a) Sr. (a).

Certos de estar contribuindo com esta pesquisa contamos com a sua preciosa colaboração.

Atenciosamente

Manaus, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.

-----  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Júlio César Schweickardt (Pesquisador Responsável)

Ana Paula de Carvalho Portela (Pesquisadora Responsável)

**CONTATO:** Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz. Rua Terezina, 476 – Adrianópolis, Manaus – AM. Cep 69.057 - 070 Telefone: (92) 99281-7917 / 3621-2323. *E-mail:* [aportela@uea.edu.br](mailto:aportela@uea.edu.br)